

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**EMPENHAMENTO, ENVOLVIMENTO E BEM - ESTAR: UM ESTUDO SOBRE A
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

HELLEN MAISA LEITE NEVES

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**EMPENHAMENTO, ENVOLVIMENTO E BEM - ESTAR: UM ESTUDO SOBRE A
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

HELLEN MAISA LEITE NEVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília – UnB como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Professora
Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa.

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**EMPENHAMENTO, ENVOLVIMENTO E BEM - ESTAR: UM ESTUDO SOBRE A
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

HELLEN MAISA LEITE NEVES

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton

Profa. Dra. Maria Aparecida Camarano Martins

Aos meus pais Eduardo e Meralice que foram os responsáveis por mais esta vitória em minha vida, pessoas que apesar da distância estão sempre presentes me apoiando.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me permitiu chegar até onde estou com força e determinação, com saúde e vontade de sempre continuar.

Aos meus pais Eduardo e Meralice que foram os responsáveis por eu ter coragem e ousadia para estudar, buscar meus objetivos e sonhos. Pelo carinho, palavras de apoio e incentivo, pelas broncas, pela confiança e expectativas depositadas em mim. Pela criação, ensinamentos, valores, carinho, amor na qual foi criada e agraciada por toda minha vida, pela palavra certa na hora certa.

As minhas irmãs Mara e Stella que sempre estiveram por perto, sempre me ajudaram a ultrapassar momentos difíceis, assim como momentos bons, de risos e descontração, as agradeço pelo apoio e carinho. Aos meus queridos amigos e amigas pela compreensão e apoio sempre que necessitei, pelo incentivo, em especial ao meu querido amigo Gustavo Coelho que mesmo morando fora do Brasil permanece sempre presente.

Aos familiares por me ajudar sempre que necessitei, pela acolhida, carinho e solidariedade para comigo.

À Professora Dr^a Fátima Guerra, pela orientação dos projetos e monografia, por acreditar no meu potencial e confiar em meu trabalho, por despertar o meu interesse na educação infantil, por seus conselhos, compreensão, colaboração e pela amizade.

A todos os professores bons, ruins, excelentes que passaram por minha vida, pelo meu processo de formação, pois estes com certeza tiveram cada um sua colaboração, pois de todos colhi experiências significativas.

A todas as pessoas a qual não citei, mais que de alguma forma tiveram um grande significado e contribuíram para essa vitória.

Meu muito obrigado.

"Ser educador é ser um poeta do amor. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência."

(Augusto Cury)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo observar e analisar o empenho da professora em relação ao envolvimento e bem-estar das crianças, numa perspectiva da qualidade da mediação das aprendizagens oferecidas. Analisando como o empenhamento da professora é fator de qualidade na educação infantil. Para tal foram observadas três atividades: Rodinha, Atividade livre e Atividade dirigida. A pesquisa foi de natureza qualitativa, tendo como participantes a professora e 4 crianças de sua turma escolhidas aleatoriamente, sendo duas meninas e dois meninos. Foi realizada em uma escola pública, situada na Cidade Administrativa do Gama-DF. Os principais autores usados no referencial foram: Sousa (1998;2006), Zabalza (1998), Laevers(2004; 2005), Formosinho (2009), dentre outros. Os dados foram construídos a partir de registro de observação de 3 atividades cotidianas selecionadas em função de sua estruturação – da mais para a menos estruturada. Conclui-se que a análise do empenhamento da professora se caracterizou como fundamental, para se medir a qualidade das mediações das aprendizagens por ela oferecida. Notou-se que, os variados níveis de envolvimento e bem-estar, apresentados pelas crianças estão diretamente relacionados ao grau de empenhamento apresentado pela professora nas atividades. Dessa forma, quanto maior o grau de empenho da professora, maior foram os níveis de bem-estar e envolvimento apresentados pelas crianças.

Palavras-chave: Empenhamento do professor, Qualidade na Educação Infantil, Envolvimento e Bem Estar da criança.

ABSTRACT

This survey analyses the effort of the teacher related to the involvement and wellness of the children, analysing how the teacher's endeavour is a factor of quality in the children's education. The survey used three activities: Rodinha, Atividade Livre and Atividade dirigida to made the analysis. The survey had a qualitative nature and had 5 participates: 2 boys, 2 girls, arbitrarily chosen, and also the teacher. This was made in a public school located in Gama-DF. The main authors used were: Sousa (1998;2006), Zabalza (1998), Laevers(2004; 2005), Formosinho (2009) amongst others. The documented data was based on the observations of three daily activities selected according with its structuration - from the most complex to the least complex. We conclude that the analysis of the commitment of the teacher was regarded as crucial to measure the quality of the mediation of learning offered by it. It was noted that the varying levels of involvement and well-being, presented by children are directly related to the degree of commitment shown by the teacher in the activities. Thus, the higher the degree of commitment of the teacher, the higher levels of well-being and involvement exhibited by the children.

Key words: Teacher Commitment, Quality in Early Childhood Education, Involvement and Child Welfare.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| PARTE I | 15 |
| MEMORIAL | 16 |
| PARTE II | 21 |
| CAPÍTULO I | 22 |
| REFERÊNCIAL TEÓRICO | 22 |
| 1.1 Qualidade na educação infantil | 24 |
| 1.2 Envolvimento e bem-estar como fatores de qualidade na educação infantil | 27 |
| 1.3 A prática pedagógica do professor | 35 |
| CAPÍTULO 2 | 46 |
| METODOLOGIA | 46 |
| 2.1 A abordagem da pesquisa | 46 |
| 2.2 O campo da pesquisa | 47 |
| CAPÍTULO 3 | 52 |
| ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS | 52 |
| 3.1.1 Bem-Estar e Envolvimento de Bruno e Empenhamento da professora | 52 |
| 3.1.2 Bem-Estar e Envolvimento de Kaio e Empenhamento da professora | 62 |
| 3.1.3 Bem-Estar e Envolvimento de Maria e Empenhamento da professora | 71 |
| 3.1.4 Bem-Estar e Envolvimento de Rafaela e Empenhamento da professora | 80 |
| CAPÍTULO 4 | 87 |

| | |
|----------------------------------|-----------|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 87 |
| CONCLUSÕES | 91 |
| PARTE III..... | 92 |
| PERSPECTIVAS FUTURAS..... | 92 |
| REFERÊNCIAS | 94 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Pesquisas sobre qualidade na educação infantil..... | 27 |
| Quadro 2- Necessidades básicas da criança..... | 28 |
| Quadro 3 - Níveis de Bem-Estar da criança | 29 |
| Quadro 4 – Indicadores de Envolvimento da criança..... | 31 |
| Quadro 5 – Níveis de Envolvimento da criança | 32 |
| Quadro 6 - Escala de observação do empenhamento do adulto..... | 44 |
| Quadro 7 – .Escala de 5 pontos do empenhamento adulto..... | 44 |
| Quadro 8 – Horários da rotina da turma..... | 49 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Dimensões de qualidade do processo educativo..... | 29 |
| Figura 2 - Quadro teórico de Pascal e Bertan para a qualidade | 39 |
| Figura 3 - Caracterização da sala de aula..... | 48 |

INTRODUÇÃO

No Brasil a educação infantil tem ganhado cada vez mais espaço e a sua qualidade é tanto necessária e urgente, quanto é um desafio constante para os pais, professores e para os profissionais das instituições educativas, bem como para a sociedade em geral.

Segundo Sousa (2006, p.102), na educação infantil “a qualidade pode ser entendida como uma lógica significadora da vida que aponta para a necessária criação e expansão das melhores condições de crescimento, desenvolvimento e a aprendizagem da criança e, portanto também significadora da prática pedagógica do professor”. Autores como Laevers e Bertham tem destacado a relevância do empenhamento dos professores, na promoção de melhores condições de aprendizagem e, no caso de Laevers, em especial sobre o bem-estar e envolvimento das crianças.

Laevers (1997), ressalta a importância de o educador estar constantemente direcionado para a estimulação de dois tipos de dinâmicas: 1) buscar entender a criança ao nível emocional e ajudá-la sempre que necessário, 2) procurar alargar os seus horizontes proporcionando meios capazes de satisfazer a sua curiosidade natural. Para tanto, o professor precisa desenvolver contextos educativos que promovam a autonomia da criança, bem como atividades estimuladoras e planejadas que atendam às necessidades coletiva e individual das crianças.

A presente pesquisa teve como objetivo observar o empenhamento da professora de uma turma do II período da educação infantil em relação ao envolvimento e bem-estar das crianças em três atividades observadas em âmbito escolar: Rodinha, Atividade Livre e Atividade Dirigida. Numa perspectiva da qualidade na educação infantil, buscou-se analisar como o empenhamento da professora é fator de qualidade no processo de ensino-aprendizagem da criança na educação infantil.

A pesquisa foi de natureza qualitativa, tendo como participantes a professora e 4 crianças de sua turma escolhidas aleatoriamente, sendo duas meninas e dois meninos. A pesquisa foi realizada em uma escola pública, situada na Cidade Administrativa do Gama-DF. Os principais autores usados no referencial foram: Sousa (1998;2006), Zabalza (1998), Laevers (2004; 2005), Formosinho (2009), dentre outros. Os dados foram construídos a partir de registro de observação de 3 atividades cotidianas selecionadas em função de sua estruturação – da mais para a menos estruturada.

No conjunto, este trabalho de conclusão de curso apresenta-se dividido em três partes: Memorial, Monografia e Perspectivas Futuras. Na primeira, se resgatou memórias importantes da vida escolar e acadêmica..

Na Monografia, fundamenta-se, descreve-se e se analisa dados da pesquisa que buscou analisar e discutir a relação entre o empenhamento da professora, em sua prática pedagógica, e o envolvimento e bem-estar das crianças observadas.

No final, descreve-se as perspectivas profissionais futuras.

PARTE I

MEMORIAL

MEMORIAL

Filha de Eduardo José Neves e Meralice Leite Neves nascida no dia 26/02/1990 na cidade de Manga-MG. Minha família sempre morou na área rural da cidade de Manga- MG, o lugar onde cresci e tive minhas primeiras convivências com o mundo letrado. Grande parte da minha família são educadores, desde cedo tive contato com os mesmos e acredito que tenha sido desta convivência aonde em mim despertou a vontade de ser educadora, pois, sempre admirei meus professores, meus familiares pedagogos, estando sempre tentando ajudar minha prima em alguma tarefa que eu pudesse fazer da escola, eu era encarregada de rodar as atividades no mimeógrafo. Sempre gostei de brincar de ser professora com meus primos, brincávamos como se estivéssemos numa sala de aula, eu sempre era a professora e os outros os alunos. Era uma das minhas brincadeiras prediletas.

Em meu ambiente familiar sempre estive rodeada por educadores, ganhava presentes como livros, brinquedos educativos, meus pais sempre me incentivavam a ler, me ensinavam tudo que sabiam. Minha avó foi auto didata e estudou em casa, pois seu pai não a deixava frequentar escolas, sua mãe era quem arrumava livros para que ela estudasse, e assim ela fez, estudava escondido do pai, quando ele estava para roça trabalhando. A cerca de 40, 45 anos atrás minha avó, já casada, resolveu ajudar a comunidade onde morava, pois a maioria não teve acesso a educação escolar, desconhecendo os códigos formais da linguagem e escrita. Ela os ensinava o que sabia em um galpão da sua casa onde guardava sacos de alimentos colhidos da produção na lavoura. Ela providenciou um quadro negro e giz – seu único material didático. Ensinou aos seus alunos tudo que aprendeu sozinha, e o fez até quando pode, pois algum tempo depois ficou muito doente, até falecer. Tive pouco contato com ela, pois era muito novinha quando se foi. Porém, sua história foi contada com orgulho por quem a conhecia, seu jeito de querer ajudar sempre o próximo e seu sonho de alfabetizar aquelas pessoas da comunidade que não tinham acesso a educação foram sempre transmitidos de geração em geração, e assim foram muitos filhos, netos, sobrinhos trilhando o caminho da educação. Tive influências boas que foram fundamentais para que eu crescesse sabendo que eu queria ser uma educadora. Até hoje em dia converso com pessoas mais velhas que foram alunos da minha vó, e deles vejo um olhar de admiração por ela, escuto palavras de sentimentos bons, e tenho certeza de que ela foi uma ótima educadora da maneira que pôde, esse reconhecimento tão simples, mais tão importante me faz querer ser uma ótima

professora, me dá alegria de querer fazer parte da vida das pessoas, contribuindo com o que eu aprendi, formando um cidadão. O reconhecimento que ela recebe mesmo após sua morte sempre me transmitiu a ideia de que educar era algo maravilhoso, onde as pessoas ficavam felizes e gratas, as palavras eram de amor, carinho para com aquela humilde professora.

Depois de alguns anos foi construída uma escola em nossa comunidade, porém apenas para as crianças, os alunos dela não tiveram acesso. A escola era pequena, havia apenas 1 sala de aula, eram várias turmas juntas, aonde dividíamos as turmas por fileiras, eram 2 ou 3 de uma série, mais 2 de outra e assim por diante. A professora ia passando o conteúdo em sequência da ordem das filas, e isso dificultava muito a aprendizagem, pois quando ela estava na ultima fileira, quem era das primeiras já haviam acabado a tarefa e já estavam dispersos atrapalhando os demais. A professora era a mesma para todas as turmas e nos dois turnos vespertino e matutino. Situações como essa que vivi foi e são muito importantes para que possa hoje como futura educadora ter consciência do que de fato é uma educação de qualidade e das necessidades básicas para se tê-la. Nesta escola estudei até a 4º série, depois disso passei a ir para a cidade vizinha a 20 km, aonde estudei da 5ª a 8ª série. Aqui se iniciou uma nova etapa da minha vida. Tive que passar a ir de ônibus para a escola, pois era em uma cidade vizinha, era um transporte velho a qual sempre dava problemas. Foi uma etapa de crescimento, quando comecei a sair de perto dos meus pais. A escola era um sonho para nós, pois era enorme, várias salas, muitas outras crianças de diversas localidades vizinhas. Foi uma etapa muito importante e que marcou muito minha trajetória. Foi uma época difícil também, pois haviam problemas para nossa locomoção em épocas de chuva por ser estradas de chão, havia locais aonde o ônibus não conseguia passar, sendo assim era fechar o tempo já sabíamos que não íamos poder ir a escola, ou mesmo episódios de ônibus quebrar no meio do caminho e termos que chegar a noite depois de uma longa caminhada. Terminando 8ª série tive que ir morar com meus avós na cidade, pois era o único local mais próximo que oferecia o ensino médio. Não foi muito difícil de me adaptar pois alguns dos meus colegas também foram, pois era a única opção da região, na cidade conclui a 1ª série do ensino médio.

Meu pai sempre prezou muito a educação - fez o que pôde para que conseguíssemos estudar, eu e minhas irmãs. Ele sempre dizia que a educação era tudo, que tínhamos que estudar pra ser alguém na vida. Ele e minha mãe tiveram poucas oportunidades de estudar, meu pai terminou o ensino médio e minha mãe parou no ensino fundamental, não tiveram oportunidades de crescer, sair do interior, e tudo que não tiveram, queriam que nós suas filhas tivéssemos a oportunidade ao menos de tentar. Ele não estava satisfeito com o ensino da

escola que eu estudava, ele na verdade nunca foi satisfeito, sempre se queixou da falta de profissionais adequados, da estrutura, da falta de interesse tanto dos professores quanto dos pais e consequentemente dos alunos. Em meio a isso tudo surge uma oportunidade de eu estudar em um outro estado, pois minha irmã mais velha por influencia de um amigo do meu pai que a incentivou a fazer vestibular na universidade estadual de Goiás, na cidade de Pires do Rio, e assim com o apoio do meu pai ela faz e passa na prova. Meu pai não tinha condições de pagar uma faculdade para ela, mais ele pensava no futuro de nós três. Quando minha irmã passou na universidade, ele deixou que ela fosse fazer o curso de pedagogia, porém ele preferia que nós três fôssemos juntas para cuidarmos umas das outras e podermos também ter melhores estudos. E assim, em comum acordo, fomos morar na cidade de Pires do Rio-GO, eu e minhas irmãs sozinhas numa cidade que não conhecíamos ninguém. Meu pai nos levou até a cidade, nos deixando já estudando na escola e dentro da nossa nova moradia. Foi um período difícil para ele, pois teve muita dificuldade em nos manter em outra cidade.

No primeiro momento morar sozinha para mim estava sendo a melhor coisa da vida, morar fora de casa, sem os pais, fazer o que eu quisesse, porém quando a realidade chegou a nossa consciência o desespero também veio. Eu tinha apenas 15 anos, sempre tive meus pais ao meu lado para tudo, e a partir dali eu tinha que fazer minhas coisas, ninguém mais iria ter que me mandar fazer nada, tive que aprender a ter disciplina, chegávamos em casa e tinha tudo pra fazer, não havia comida pronta, nem roupa lavada, casa limpa, eu chorava de vontade de voltar pra casa, e meus pais sempre ao telefone dizendo que eu não podia desistir que era uma oportunidade de eu aprender mais e poder ter uma vida melhor. Minha irmã mais velha tinha apenas 19 anos, ela era responsável por nós, porém ela não tinha como ser nossa mãe, éramos tratadas como iguais, cada uma faz o que quer mais cada uma também terá que assumir as consequências dos seus atos. Graças a Deus tivemos uma educação em casa muito sólida e nossa base sempre foi o diálogo, nossa família mesmo longe sempre esteve presente nos acompanhando e auxiliando no que fosse preciso. Essa fase da minha vida me fez amadurecer muito cedo, aprender a lidar com os obstáculos da vida, a lutar pelos meus ideais, tomei consciência da realidade, de que o meu sucesso dependia de mim, eu teria que ir atrás, batalhar pra conseguir algo. Foram os dois últimos anos do ensino médio aos quais mais me dediquei estudando, ate porque o ensino era mais puxado, exigia mais de mim, e isso me incentivava a querer sempre me superar. Terminando o ensino médio fiz vestibular para pedagogia na universidade estadual do Goiás, onde minha irmã mais velha estudava e passei, iniciando o curso no ano seguinte, depois de muito tempo e acontecimentos eu já não queria

mais morar naquela cidade, só restara eu e minha irmã mais velha na qual já estava prestes a se casar, já estava construindo sua família, terminando a faculdade. A falta da minha família por perto pesou muito para querer sair de lá, e entrei em contato com parente que tinha em Brasília e por eles conheci a Universidade de Brasília. Eu tranquei o curso de pedagogia na UEG e vim morar em Brasília com um tio, fiquei um semestre parada, estudando para conseguir passar na prova da UnB. No fundo depois de escutar o que era a UnB, como era difícil entrar, eu não acreditava muito no meu potencial, pois comparando com quem estudou em boas escolas, eu acreditava estar muito atrás dos meus concorrentes. Não me preocupei em criar expectativas para minha família, mais no fundo as tinha, pois eu queria muito entrar na tão sonhada Universidade de Brasília.

Enfim, meu sonho se tornara realidade, eu não acreditava, mais depois fui me acostumando com a ideia, mais não com a universidade em si. Comecei as aulas e tudo era novo pra mim, fui descobrindo um espaço maravilhoso, diferente, com muitas oportunidades que eu nunca pensei que teria. Ao entrar na universidade já consegui um estagio dentro da Unb, pela bolsa permanência, um programa de apoio as pessoas que não tem condições de se manter na universidade. Foi onde comecei a trabalhar em um laboratório, fiquei 1 ano, e foi uma época difícil, pois nunca havia tido uma rotina tão pesada, estudava de manhã e trabalhava a tarde. Senti muito a mudança de faculdade, pois na UEG tínhamos fluxo fixo em cada semestre, estudávamos em uma única turma, sempre com as mesmas pessoas, e chegando na UnB tudo mudou, todos os dias eu mudava de salas, estudava com pessoas diferentes, demorei um pouco ate me acostumar, pois sentia muita falta do clima da sala, onde todos se conheciam e se ajudavam. Na UnB encontrei pessoas maravilhosas que me acolheram e que me ajudaram muito no inicio. Sempre fui tímida, mais faço amizades com facilidade, tenho grandes problemas em apresentações ou falar em público para muitas pessoas, trabalhos que exigiam apresentação era para mim uma das maiores dificuldades, pois fico muito nervosa e parece que tudo que aprendi some da mente, tentei superar esse nervosismo a cada apresentação porém não consegui, melhorei muito mais ainda sofro com isso.

No segundo semestre consegui um estágio pela bolsa permanência na creche da UnB, onde fiquei durante 2 anos. Essa foi uma etapa muito importante e rica para a minha experiência como futura pedagoga, já pude vivenciar na pratica pela primeira vez, o que é realmente lidar no dia a dia com as crianças, pois na teoria tudo é muito mais fácil, simplificado, mais só na pratica é que conseguimos de fato saber se realmente é essa a

profissão que queremos. Eu só aumentei mais ainda o amor a minha profissão, vi as dificuldades, os obstáculos, mais vi e senti também a beleza dessa profissão, o carinho das crianças, a recompensa valiosa do reconhecimento, do sentimento de poder fazer a diferença na vida daquelas crianças, não somente hoje ou amanhã, mais para o resto de suas vidas. Participei também durante 2 semestres do projeto Rondon na UnB, outra experiência muito significativa, acho até que deveria ser uma matéria obrigatória para nosso curso. Fizemos oficinas durante os sábados em uma escola da periferia no recanto das emas, um público muito carente de educação, carinho, de recursos financeiros para ter uma vida com qualidade. As crianças adoravam e nos tinham como amigos deles. As crianças se envolviam com muita vontade, não estavam ali por obrigação, pois só ia para escola quem quisesse. Sempre tivemos um publico grande de crianças, e ate mesmo os pais gostavam de ficar e participar de algumas atividades quando era possível. O Rondon é um projeto que vai além da simples transmissão de conhecimentos, sempre que terminamos nosso trabalho em uma escola ficamos com o coração na mão, pois acabamos por nos apegar com algumas crianças, e é um sentimento tão bom o de saber que esta ajudando o mínimo que seja uma criança a ser melhor, a ter oportunidade de aprender mais, a interferir efetivamente na formação de algumas daquelas crianças.

Cursei a disciplina educação infantil no quinto semestre, ela é optativa na faculdade de educação, eu me interessei lendo a ementa e decidi cursá-la, antes mesmo de me matricular me questionava porque aquela disciplina não era obrigatória, uma disciplina na nossa área de atuação e de suma importância para nós futuros pedagogos. Foi onde aprendi o que é de fato educação de qualidade na educação infantil, fizemos pesquisa de campo, relacionamos teoria com pratica, foi muito importante para minha formação profissional, acho que todos na pedagogia deveriam cursar esta disciplina. Fiz esta disciplina com a professora Maria de Fátima Guerra de Sousa, uma pessoa e professora maravilhosa, tem domínio de conteúdo, é muito compreensiva e está sempre disposta a ajudar, foi uma das disciplinas que eu mais gostei e me envolvi, onde a professora me despertou a vontade de continuar na área da educação infantil optando por fazer os projetos 4 fase I e II e Projeto 5 com ela. Aprendi muito sobre qualidade na educação infantil sob diferentes aspectos, podendo relacionar com a ajuda e orientação da professora, a teoria com a prática. No sexto e sétimo semestre fiz Projeto 4 (fase I e II, dois semestres) na área da educação infantil, o que me permitiu entrar no campo da pesquisa e da própria área de atuação, todos orientados pela professora Fátima

Guerra. Essas experiências de pesquisa me prepararam para a realização do trabalho de conclusão de curso.

A UnB me proporcionou muitos momentos de aprendizagem, sempre participei das semanas de extensão, palestras, e encontros de pedagogia, espaços de diálogo, trocas de experiência e discussão que me fizeram evoluir como pessoa e como profissional, tive a oportunidade de participar do Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia realizado em Belém-PA, foi uma experiência maravilhosa, vivenciei outra realidade, pessoas com culturas diferentes, foi muito significativo para mim cada um desses momentos de aprendizagem. Esses 4 anos e meio de faculdade foi um período de aprendizado tanto acadêmico como de vida, construí e desconstruí ideias sobre educação, me tornei uma pessoa melhor, tenho orgulho de dizer que sou professora, amo minha profissão apesar das dificuldades, infelizmente não somos valorizados como merecemos, muitas pessoas desmerecem nosso trabalho, porém temos como educadores que honrar nossa profissão e levantarmos nossa bandeira, precisamos ter orgulho e lutar pelo que acreditamos, trabalhando a favor de uma educação de qualidade, na formação de sujeitos cidadãos.

PARTE II

MONOGRAFIA

**EMPENHAMENTO, ENVOLVIMENTO E BEM - ESTAR: UM ESTUDO SOBRE A
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAPÍTULO 1

Atualmente verifica-se uma grande preocupação com a qualidade da educação infantil, Porém, nem sempre essa educação teve lugar de destaque. No Brasil, se começou a discutir a educação infantil no final do séc. XIX. A necessidade da educação da criança pequena foi se tornando crescente, na medida em que houve maior urbanização e estruturação do capitalismo, e a necessidade da mulher em ocupar espaço no mercado de trabalho, deixando esta de ser responsável direta de educar as crianças, no lar.

As primeiras instituições de educação infantil foram voltadas a atender às necessidades da classe trabalhadora, porém, de caráter assistencial que visava apenas suprir as necessidades físicas das crianças, sem a preocupação mais educativa.

Em 1980, avançou-se nos estudos e debates, sobre a educação infantil, em especial no que se refere a função da creche/pré-escola, e a qualidade da educação nela oferecida. Porém somente em 1988, com a promulgação da Constituição da República Brasileira ela recebeu maior visibilidade e importância passando a ser direito de todas as crianças e suas famílias e dever do Estado, garantindo a todas elas o acesso.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990 reafirma os direitos constitucionais em relação à Educação Infantil. A política Nacional de educação Infantil também reafirma o direito a educação dentre outros. Estabelece metas como a expansão de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento às crianças, entre elas a necessidade de qualificação dos profissionais, que resultou no documento por uma política de formação do profissional de Educação Infantil (BRASIL 1994).

Em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), definiu a educação infantil como a primeira etapa da Educação Básica, integrando ao Ensino fundamental e médio, reforçando a ideia do direito a educação e o dever de educar. Em Abril de 2013 esta, sofre alterações estabelecidas pela Lei nº 12.796:

Art. 4º. I – Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 anos aos 17 anos de idade, organizada da seguinte forma: pré-escola; ensino fundamental e ensino médio;

II – Educação infantil gratuita às crianças de até 5 anos de idade;

III – Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV- Acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não concluíram na idade própria;

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de

idade, em seus aspectos físico, psicológico, integral e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996).

Em 1998, evidenciando a preocupação com a qualidade da educação infantil o MEC divulga documento com subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil, bem como, lança o Referencial curricular nacional para a educação infantil.

A faixa etária de atendimento da Educação infantil foi alterada para as crianças de zero a cinco anos de idade, pela lei n. 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, que dispõe sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental. Em 2009, a Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, torna-se a educação básica brasileira obrigatória a partir dos 4 anos de idade.

Como primeira etapa da educação básica, a educação infantil é ofertada gratuitamente em creches ou instituições equivalentes, para as crianças de até 3 anos de idade e em pré-escolas para aquelas de 4 e 5 anos de idade. As creches e pré-escolas, de acordo com o referencial curricular nacional para a educação infantil devem: cuidar e educar, promovendo contextos diversificados, que oportunizem o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

1.1 Qualidade na Educação Infantil

O entendimento da educação infantil como um direito representa um grande avanço, contudo, direito e obrigatoriedade de matrícula não garantem a qualidade da educação oferecida às crianças. Para a criança não se pode aceitar nenhuma proposta educativa que não de qualidade. Mas, o que é uma educação infantil de qualidade? Uma pergunta de múltiplas e complexas respostas, conforme vê-se a seguir.

Conforme Sousa (2006), não é fácil definir qualidade, é mais fácil identificá-la pela sua presença ou ausência, do que defini-la.

“O termo qualidade é multidimensional, ou seja, a definição de qualidade pode ser feita a partir de diferentes dimensões e critérios relacionados aos valores e crenças das pessoas envolvidas (p. 98).”

A discussão sobre qualidade na educação infantil tem tido vários enfoques. Corrêa (2003), a discute em torno dos direitos da criança, priorizando o atendimento público na pré-escola, considerado a partir da relação entre oferta e procura, da razão adulto/criança e da

dimensão de cuidado. Para ela “o conceito de qualidade não pode ser traduzido como algo único, universal e absoluto.”

Conforme Freire (1993), o conceito de qualidade não é neutro. Existem concepções, finalidades e motivações vindas dos mais variados interesses. No que se refere à qualidade na educação, as perspectivas dos seus atores sociais são diferenciadas. Isto é, há interesses que variam entre os pais, os professores, os alunos, os fazedores de políticas públicas, dentre outros.

Corrêa (2003) tem posicionamento semelhante. Para ela, a qualidade não se traduz em um conceito único, universal e absoluto, de forma que os diferentes campos da sociedade e diferentes políticas educacionais podem entendê-la de formas diversas, ou seja, o conceito de qualidade está baseado em valores e crenças e pode vir a ter diversas interpretações.

Uma ideia da complexidade do conceito de qualidade e de suas características está a seguir:

- 1) a qualidade é um conceito relativo, baseado em valores; 2) definir qualidade é um processo importante por si mesmo, oferecendo oportunidades para compartilhar, discutir e entender valores, idéias, conhecimentos e experiências; 3) o processo deve ser participativo e democrático, envolvendo grupos diferentes, que incluem alunos, famílias e profissionais; 4) as necessidades, as perspectivas e os valores desses grupos podem divergir; 5) portanto, definir qualidade é um processo dinâmico, contínuo, requer revisões e nunca chega a um enunciado definitivo. (BRASIL, 2006).

Para Sousa (2008), argumenta que a qualidade implica na integração de vários fatores ou dimensões. Diz ainda a autora que a qualidade supõe um esforço coletivo, um compartilhamento de concepções, valores, comprometimentos, ações, decisões. E mesmo sabendo da dificuldade conceitual do termo qualidade, Sousa 1998, listou algumas das principais características da qualidade:

1. É um processo complexo e multidimensional;
2. Não resulta do acaso, é construída e conquistada;
3. Supõe uma visão do todo e, também, tempo, esforço, determinação, persistência, motivação e trabalho interdisciplinar;
4. Demanda a explicitação de critérios e de indicadores (a partir do que se está considerando a qualidade e a partir de que se pode dizer que ela existe);
5. Referência um dado contexto (onde e sobre que qualidade se está falando);
6. É tanto maior, quanto maior for a diminuição de suas próprias incertezas (ou da percepção delas);
7. Envolve credibilidade;

8. Implica um certo grau de abertura ou de flexibilidade (sinalizando a possibilidade constante de sua melhoria);
9. Implica o envolvimento de ideias e pessoas e a diversidade de suas relações pessoais e profissionais;
10. Há uma estreita relação entre qualidade e satisfação de necessidades.

Posteriormente, a autora amplia essa listagem:

1. A relatividade;
2. A não relatividade;
3. A presença de componentes avaliativos;
4. A presença de componentes subjetivos, daí a relevância da explicitação de critérios concretos e objetivos;
5. A presença de elementos valorativos acordados e julgamentos éticos, que podem variar, conforme o contexto considerado;
6. A presença, na sua efetivação de fatores históricos-sociais, culturais e políticos;
7. A necessidade de, no âmbito da educação, considerá-la tanto em termos de seus processos e resultados como em relação às suas metas e perspectivas, sem isso, fica difícil se pensar, objetivamente, na sua avaliação e na direção das perspectivas de melhoria;
8. A necessária presença (e consideração) de uma coerência interna e da continuidade da qualidade, nos contextos educativos;
9. A não linearidade da ocorrência da qualidade em uma dada instituição educativa, como tudo o mais que ocorre na dinâmica vida (SOUSA, 2008 p. 99).

Segundo Zabalza (1998), é possível organizar eixos objetivos que constituem o conceito de qualidade. Entre eles estão, os valores de determinado grupo, a afetividade e a satisfação dos participantes. Dessa forma a qualidade pressupõe um envolvimento em todas as dimensões de uma instituição, desde as interações entre as crianças, e aquelas delas com o ambiente e todos à sua volta.

Na qualidade da educação infantil, Zabalza (1998) argumenta sobre a importância de se levar em conta, também, as condições físicas e materiais, o oportunizar de iniciativas que enriqueçam o aprendizado das crianças. Destaca ainda, a necessidade de melhoria das políticas para o atendimento da criança, de se estabelecer diálogo e possam ser orientadas para acompanharem seus filhos em seu processo educativo, estimulando-os, acompanhando-os e participando ativamente, do seu desenvolvimento.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL,) explicita os seguintes princípios para o trabalho pedagógico de qualidade:

- Respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
- Direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- Acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- Atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (Brasil, 1998, v. 1, p.13)

Segundo Sousa (2006), na educação infantil a qualidade implica em oportunidades e condições necessárias para que a criança tenha um crescimento, desenvolvimento e aprendizagens significativas, sendo também resignificadora da prática pedagógica do professor.

Para Laevers (2004), a qualidade na educação infantil, implica um contexto onde todas as crianças possam experienciar um nível de bem-estar elevado, onde todas as áreas do desenvolvimento estejam representadas nas atividades. Contextos que promovam o bem-estar e o envolvimento das crianças, oportunizando o desenvolvimento de suas potencialidades. Os altos níveis de envolvimento e bem-estar dependem de um conjunto de variáveis, como contexto, o espaço, os materiais, as atividades oferecidas e, a mais importante, a maneira como o professor interveém nesses contextos. Destacando assim, a importância das intervenções estimuladoras da prática do professor nos contextos educativos, propiciando elevados níveis de bem-estar e envolvimento das crianças.

1.2 Envolvimento e Bem-estar como dimensões de qualidade na educação infantil

No contexto atual muito se escuta falar sobre educação infantil e na sua contribuição para a formação das crianças. Um dos pontos mais abordados e discutidos é a sua qualidade, e os meios da promoção desta qualidade, numa perspectiva do pleno desenvolvimento e da aprendizagem significativa das crianças.

Estudos realizados por alunas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em seus trabalhos de conclusão de curso, nos mostram a necessidade assim como benefícios dessa qualidade na educação infantil.

REIS (2011), em sua pesquisa intitulada: O Envolvimento e o Bem-Estar das crianças como dimensões de qualidade na educação infantil - parte do pressuposto de que, se a criança sente-se bem, mais facilmente se envolve com a atividade que está realizando e, sente-se bem no ambiente que se encontra, ela tem otimizada as condições de aprender e se desenvolver.

Em um mesmo viés, SERRA (2013), em sua pesquisa: O Envolvimento e Bem-Estar das crianças como fatores de qualidade na educação infantil - investiga como o envolvimento e o bem-estar da criança estão presentes no cotidiano da sala de aula da educação infantil e como a observação e o registro do envolvimento e bem-estar auxiliam o professor em sua prática pedagógica.

GONÇALVES (2013), analisa a qualidade da educação infantil na perspectiva do bem-estar, envolvimento e empenhamento do adulto em situações de diálogos com mães de bebês de um ano.

Todas pesquisas citadas, assim como as não citadas apresenta-se temas relevantes, que buscam identificar fatores que possam subsidiar o alcance da qualidade na educação infantil, sendo de interesse dos educadores, família e em especial dos professores da educação infantil que buscam melhores resultados em relação a qualidade da sua prática e consequentemente do desenvolvimento das crianças. Quando se busca oferecer à criança uma educação infantil de qualidade é importante que se considere, em cada criança o seu processo de desenvolvimento e a partir daí se obtenha elementos que norteiem o professor para que possa criar um ambiente repleto de desafios que favoreçam o envolvimento e o bem-estar de cada criança e entre elas. Neste sentido:

Ao organizar um ambiente e adotar atitudes e procedimentos de cuidados com a segurança, conforto e proteção da criança na instituição, os professores oferecem oportunidades para que ele desenvolva atitudes e aprenda procedimentos que valorizam seu bem-estar [...] precisam considerar os cuidados com a ventilação, insolação, conforto, estética e higiene do ambiente, objetos, utensílios e brinquedos (BRASIL2 1998, p51).

Faz parte da prática pedagógica do professor pensar nesses espaços como um recurso, e planejar atividades adequadas, assim como a melhor forma de utilizá-los em prol de uma educação de qualidade, pois, a criança precisa se sentir bem, ter liberdade para se expressar, para desenvolver a sua autonomia. Não basta apenas cuidar do seu bem-estar é necessário dar condições para que ela tenha aprendizagens significativas e se desenvolva cada vez mais. É preciso que, o professor ao planejar a partir dos interesses e necessidades de cada criança, organize o ambiente de forma a propiciar a elas, possibilidades de experienciar um nível de bem-estar e envolvimento, onde todas as áreas do desenvolvimento estejam representadas nas suas atividades, fazendo com que tenham uma aprendizagem significativa.

Segundo Laevers (2005), a criança que apresenta um estado de bem-estar, está em um estado de conforto, bem emocionalmente tendo dessa forma suas necessidades básicas atendidas.

Essas necessidades estão apresentadas no quadro a seguir:

| |
|--|
| <i>Necessidades básicas das crianças</i> |
| Necessidades físicas (comer, beber, mover-se, dormir, etc.); |
| Necessidades de afeto, cordialidade e ternura (ser abraçado, contato físico e proximidade, dar e receber afeto e amor); |
| Necessidade de segurança, clareza e continuidade (necessidade de um ambiente mais ou menos previsível, necessidade de saber onde está, o que lhe é permitido ou não fazer parte e pertencer a um grupo); |
| Necessidade de reconhecimento e afirmação (ser apreciado pelos outros, significância para os outros, fazer parte e pertencer a um grupo); |
| Necessidade de se revelar capaz (capaz de fazer qualquer coisa sozinha); |
| Necessidade de valores significativos (e morais): sentir-se uma pessoa “boa” e sentir-se ligado aos outros e ao mundo. |

Quadro 2. Necessidades básicas das crianças por Laevers (2005)

Os conceitos de envolvimento e bem-estar, conforme propostos por Laevers (2004), integram o modelo da educação Experiencial, criado na Bélgica na década de 70. Originou-se em encontros realizados por um grupo de professores liderados por Laevers, que tinha como objetivo analisar as experiências proporcionadas às crianças no ambiente educacional, bem como a qualidade dessas experiências, visando o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças em um ambiente que proporcionasse a aprendizagem de forma significativa.

O modelo de educação experiencial objetivava a busca da qualidade na educação infantil, unindo dois elementos essenciais neste processo: o contexto educacional que envolve

a criança, desde a infraestrutura até as ações do professor e os resultados proporcionados com o auxílio desse contexto (Laevers, 2004). Para o autor:

A compreensão mais significativa do projeto educação experiencial responde exatamente a esta questão, identificando indicadores de qualidade. Ele indica o elo perdido: O conceito que nos ajuda a sentir se nossas ações (o contexto) estão levando a bons resultados (o resultado) [...] a compreensão básica na teoria EXE é que a maneira mais econômica e conclusiva de avaliar a qualidade de qualquer ambiente educacional (na educação infantil até a educação para adultos) é focar em duas dimensões: o grau de “bem-estar emocional” e o nível de envolvimento (Laevers, 2004, p.59).

Sendo assim, a educação de qualidade pressupõe um contexto em que a criança consiga alcançar um sentimento de bem-estar por um tempo maior e ao mesmo tempo se mantenha envolvida na medida em que experiencia as coisas que está aprendendo.

Nesse sentido, Laevers (2004), propõe como essencial para uma educação infantil de qualidade, o envolvimento e o bem-estar da criança, dimensões da qualidade que devem estar presentes no processo educativo. Suas ideias compõem a seguinte figura:

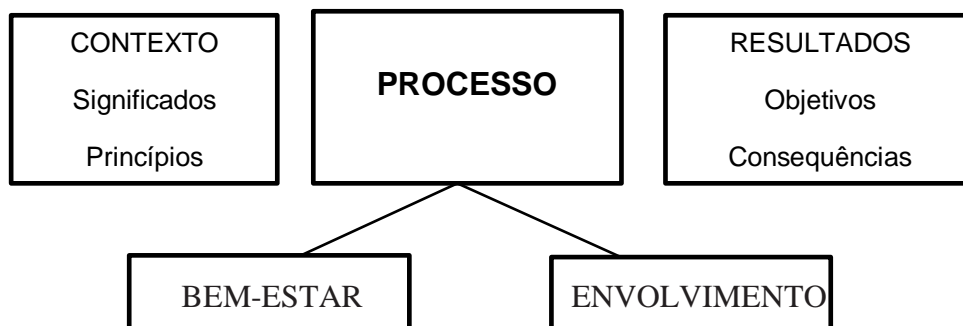


Figura 1. Dimensões de qualidade do processo educativo por Laevers (2004, p.59).

Com relação ao bem-estar da criança segundo Laevers:

Se desejamos descobrir como cada criança está progredindo em um ambiente, é necessário, em primeiro lugar avaliar até que ponto as crianças se sentem a vontade, se expressam com autenticidade e demonstram vitalidade e autoconfiança. Tudo isso indica que seu bem-estar emocional está bom e que suas necessidades físicas, de carinho e afeto, de segurança e clareza, de reconhecimento social, a necessidade de se sentir competente, de ter um sentido para a sua vida de valores morais, estão sendo atendidas, (Laevers 2004, P.59).

Segundo Laevers (2005), é possível perceber a maneira como as crianças expressam seu bem-estar por meio dos Níveis de Bem-Estar e os sinais correspondentes aos diferentes níveis, conforme quadro abaixo:

NÍVEIS DE BEM-ESTAR DA CRIANÇA

| Nível | Bem-Estar | Sinais |
|----------|---------------------------|--|
| 1 | Extremamente Baixo | A criança mostra claramente sinais de desconforto: <ul style="list-style-type: none"> - chora, grita, se lamenta; - Parece abatida, triste ou assustada, fica em pânico; - fica irritada ou furiosa; - se contorce, joga objetos, machuca os outros; - esfrega os olhos; - não responde ao ambiente, evita contato, se isola; - se machuca: bate a própria cabeça, se joga no chão, etc. |
| 2 | Baixo | A postura, a expressão facial e as ações indicam que a criança não se sente à vontade. No entanto, os sinais são menos explícitos do que no nível 1 e a sensação de desconforto não é expressa o tempo todo. |
| 3 | Moderado | A criança tem uma postura neutra. Sua expressão facial e postura mostram pouca ou nenhuma emoção. Não há sinais de tristeza ou prazer, conforto ou desconforto. |
| 4 | Alto | A criança mostra sinais evidentes de satisfação (como listado no nível 5). No entanto, esses sinais não estão constantemente presentes com a mesma intensidade. |
| 5 | Extremamente alto | A criança: <ul style="list-style-type: none"> - demonstra estar desfrutando e sentir-se muito bem; - demonstra estar feliz e alegre, sorri, exala alegria; - é espontânea, expressiva, consegue ser ela mesma; - fala consigo mesma, brinca fazendo barulhos, canta; - fica relaxada, não demonstra nenhum sinal de tensão; - está aberta e acessível ao ambiente; - está animada, cheia de energia e radiante; - demonstra autoconfiança. |

Quadro 3. Níveis de Bem-Estar da criança, Laevers (2005, p.13)

A respeito da outra dimensão, o envolvimento, Leavers (1994) diz que este é concebido como uma qualidade da atividade humana, que é:

a) reconhecido pela concentração e persistência; b) caracterizado pela motivação e, atração e entrega a situação, aberta aos estímulos e intensidade da experiência (quer ao nível físico, quer ao nível cognitivo) e por uma profunda satisfação de energia; c) determinado pelo impulso exploratório e pelo padrão individual de necessidades ao nível desenvolvimental; e d) indicador de que o movimento está a ter lugar.

Leavers e colaboradores desenvolveram a escala de envolvimento da criança - LYS, instrumento que permite que se avalie, com maior objetividade o envolvimento da criança. A escala baseia-se no pressuposto de que o envolvimento pode ser reconhecido através de sinais que são expressos no momento em que a criança realiza a atividade, sendo estes sinais estabelecidos pelos Indicadores de envolvimento da criança apresentadas abaixo:

INDICADORES DE ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

| | |
|------------------------------------|---|
| Concentração | A atenção da criança encontra-se orientada para a atividade. Nada parece poder distrair a criança desta profunda concentração. |
| Energia | A criança investe muito esforço na atividade. Está muito interessada e estimulada. Esta energia é frequentemente demonstrada pelo alargar da voz ou pela pressão que faz sobre o objeto que utiliza. A energia mental pode ser inferida através das expressões faciais as quais revelam que a criança está concentrada no que está a fazer. |
| Complexidade e Criatividade | Observáveis quando a criança mobiliza, de livre vontade, as suas capacidades cognitivas e outras para se dedicar a um comportamento mais complexo do que uma mera rotina. A criança envolvida não pode mostrar mais competência – está a dar o seu melhor. Criatividade não significa que o resultado tenha que ser original; a criatividade existe quando a criança dá um toque individual e o que faz e contribui para o seu desenvolvimento criativo. Nesta situação, a criança encontra-se nos limites das suas |

| | |
|-----------------------------------|--|
| | capacidades. |
| Expressão Facial e Postura | Os indicadores não verbais são de extrema importância para apreciar o envolvimento da criança. É possível distinguir olhos perdidos no vazio de olhos brilhantes. A postura pode revelar alta concentração ou tédio. A postura pode ser altamente significativa, mesmo quando a criança está de costas para o observador. |
| Persistência | A persistência é a duração da concentração na atividade que está a ser realizada. As crianças que estão realmente envolvidas não abandonam facilmente o que estão a fazer. Querem continuar a atividade que lhes interesse e dá prazer, não se deixando distrair pelo que acontece à sua volta. A atividade envolvida tem geralmente uma maior duração, embora o tempo investido dependa da idade e da experiência da criança. |
| Precisão | As crianças envolvidas mostram um cuidado especial com o seu trabalho e estão atentas aos detalhes. As crianças que não se envolvem, estão pouco preocupadas com as questões de detalhes. Os detalhes não são importantes para elas. |
| Tempo de reação | As crianças que estão envolvidas, estão atentas e reagem com rapidez a estímulos. “Correm” literalmente falando, para uma atividade que é proposta e mostram grande motivação e entusiasmo. Note-se que o envolvimento não se pode ver apenas pela reação inicial. É mais que isso. |
| Linguagem | A importância que a atividade tem para as crianças pode ser observada através dos comentários que fazem. Por exemplo, poderão, repetidamente, pedir para fazer uma determinada atividade e dizerem que gostam de fazê-la. |

Quadro 4. Indicadores de Envolvimento da criança, Laevers (2004, p.141 e 142)

Além dos sinais de envolvimento já citados, a escala de envolvimento da criança também é composta por uma listagem de cinco níveis de envolvimento organizada de forma crescente. A diferença entre um ponto inteiro e o seguinte, significa que alguma característica é acrescentada à atividade, obtendo-se níveis mais elevados de envolvimento em comparação com o nível anterior. Estes são definidos da seguinte forma:

NÍVEIS DE ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

| Níveis de Envolvimento | Descrição |
|---|--|
| Nível 1 Ausência de atividade | Neste nível, a atividade é simples, estereotipada, repetitiva e passiva. A criança parece estar ausente e não demonstra energia. Há ausência de exigências cognitivas. Uma característica típica é a do olhar vago da criança. Este olhar também pode ser um sinal de concentração interior. |
| Nível 2 Atividade frequentemente interrompida | A criança está a fazer uma determinada atividade mas metade do período de observação inclui momentos de ausência de atividade durante os quais a criança não está concentrada e está só a olhar para o ar. Pode haver interrupções frequentes na concentração das crianças. O seu envolvimento não é suficiente para fazer com que volte a realizar a atividade. |
| Nível 3 Atividade quase continua | A criança encontra-se ocupada numa atividade, mas a num nível rotineiro, não demonstrando sinais de envolvimento real. Faz alguns progressos, mas sem muito interesse nem especial concentração. A criança distrai-se facilmente do que está a fazer. |
| Nível 4 Atividade com momentos de grande intensidade. | A atividade da criança passa por momentos de grande intensidade. O nível 4 é reservado para a atividade demonstrada nesses momentos de maior intensidade. Pode ser inferido através dos indicadores de envolvimento que a criança demonstra. Mesmo que haja interrupções, o nível da atividade é retomado. Outros estímulos do ambiente, por mais atraentes que sejam, não conseguem distrair a criança do que está a fazer. |

| | |
|--|--|
| <p style="text-align: center;">Nível 5</p> <p>Atividade intensa prolongada.</p> | <p>A criança demonstra, através da atividade continuada e intensa que está a desenvolver, que atingiu o mais elevado grau de envolvimento. Não é necessário que durante o período de observação todos os sinais de envolvimento estejam presentes embora seja necessária a presença dos fundamentais - concentração, criatividade, energia e persistência. A intensidade deve estar presente durante todo ou quase todo o período de observação.</p> |
|--|--|

Quadro 5. Níveis de Envolvimento da criança (2004, p.142-144)

Os sinais de envolvimento constituem meios para uma melhor compreensão do observador, no caso o professor. São aspectos objetivos para que se possa registrar o que observa em termos do maior ou menor envolvimento da criança com o que está realizando, na tentativa de identificar, o que e como a criança realmente se sente, a cada momento das diferentes atividades a ela propostas e a de sua escolha.

Considerando, conjuntamente, o envolvimento, o bem-estar e o desenvolvimento da criança no seu todo, o professor terá dados mais objetivos para refletir e avaliar a qualidade da sua prática pedagógica e melhorando-a no sentido de ampliar as oportunidades diversificadas para a ocorrência de aprendizagens significativas e profundas, pelo envolvimento da criança nesse processo.

Em relação ao envolvimento, Formosinho (2004, p.86) explica que:

“O envolvimento não ocorre quando as atividades são muito fáceis ou muito exigentes.

Com base na teoria de Vygotsky (1998), sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, o envolvimento ocorre quando a criança está funcionando na Zona de desenvolvimento próximo. Isto é, a distância entre o seu desenvolvimento real, aquilo que a criança já sabe fazer, e o desenvolvimento potencial, aquilo que a criança consegue fazer somente com a mediação de alguém.

Neste sentido a organização de um ambiente educacional com estímulos diversificados é fundamental para que a criança tenha diferentes opções de atividades e consequentemente maiores oportunidades de aprendizagem. Estes estímulos podem acontecer de várias formas, como: liberdade de verbalizar durante o acontecimento de uma atividade, oportunidade para que a criança possa escolher o que e como vai fazer determinada atividade, assim como o

material que a mesma queira utilizar, podendo se expressar oralmente, expressar o que esta sentindo, etc.

Sendo assim:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, estéticas e éticas na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998, p23).

O envolvimento assim esta diretamente relacionado a forma como a criança experiêcia as atividades em seu contexto, sendo caracterizado pela presença de persistência, concentração, motivação, energia, satisfação e percepções intensas. Laevers (2004), destaca que os conceitos de envolvimento e bem-estar não são apenas de grande utilidade para pesquisadores, são essenciais para os professores que almejam uma educação de alta qualidade.

1.3 Qualidade na Educação Infantil: Prática pedagógica do professor

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a educação infantil estabelecem padrões de referência orientadores para o sistema educacional no que se refere à organização e funcionamento das Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006). Estes foram elaborados com o intuito de estabelecer uma referência nacional para os sistemas educacionais na definição de padrões de qualidade locais para as instituições de educação infantil. Apresentam-se organizados com foco na Proposta pedagógica; Gestão; Profissionais; Interações; Infraestrutura.

Quanto a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil, os Parâmetros determinam que:

- 1) [...] contemplem princípios éticos, políticos e estéticos;
- 2) [...] promovem as práticas de cuidado e educação na perspectiva da integração dos aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível;
- 3) [...] consideram que o trabalho ali desenvolvido é complementar à ação da família, e a interação entre as duas instâncias é essencial para um trabalho de qualidade;

Quanto à gestão das instituições de Educação Infantil, os parâmetros determinam que:

- 7) [...] funcionam durante o dia, em período parcial ou integral, sem exceder o tempo que a criança passa com a família;
- 8) A organização em agrupamentos ou turmas de crianças nas instituições de Educação Infantil é flexível e deve estar prevista na proposta pedagógica da instituição;
- 9) [...] é de responsabilidade de profissionais que exercem os cargos de direção, administração, coordenação pedagógica ou coordenação-geral [...];
- 10) Os gestores ou gestoras atuam em estreita consonância com profissionais sob sua responsabilidade, famílias e representantes da comunidade local, exercendo papel fundamental no sentido de garantir que as instituições de Educação Infantil realizem um trabalho de qualidade com as crianças que a frequentam;

No que se refere aos professores e aos demais profissionais que atuam nas instituições de Educação Infantil, os parâmetros orientam que:

- 11) Os profissionais que atuam diretamente com as crianças nas instituições de Educação Infantil são professoras e professores de Educação Infantil
- 12) Tendo como função garantir o bem-estar, assegurar o crescimento e promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças da Educação Infantil sob sua responsabilidade [...];
- 13) A equipe de profissionais da instituição de Educação Infantil, composta por gestoras, gestores, professoras e professores, pode ser acrescida de outros profissionais;

Quanto às interações dos profissionais das instituições de Educação Infantil, os parâmetros determinam que:

- 14) Gestoras, gestores, professoras, professores, profissionais de apoio e especialistas das instituições de Educação Infantil estabelecem entre si uma relação de confiança e colaboração recíproca;

Os Parâmetros dessa forma, tem a função de orientar, representam requisitos necessários para que se haja uma educação infantil de qualidade, que possibilite o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Zabalza (1998, p. 25), destaca que a educação infantil pode e deve potencializar o desenvolvimento global da criança acrescentando que:

“a educação infantil é uma etapa eminentemente educativa e, portanto, destinada a tornar possíveis, progressos pessoais que não seriam alcançados se a escola não existisse”.

O autor faz considerações sobre o que considera fundamental a qualquer proposta ou modelo de educação infantil e propõe assim, dez aspectos-chaves para uma educação infantil de Qualidade, sendo eles:

A organização dos espaços, equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades, atenção privilegiada aos aspectos emocionais, utilização de uma linguagem enriquecida, diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades, rotinas estáveis, materiais diversificados e polivalentes, atenção individualizada a cada criança, sistemas de

avaliação que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças, o trabalho com pais e mães e com o meio ambiente (ZABALZA, 1998).

Segundo Sousa:

A qualidade na Educação Infantil almeja satisfazer as necessidades e interesses das crianças e envolvê-las cognitivamente e afetivamente, cada vez mais, como seu processo educativo. E ainda seduzi-las com o desafio do aprender-a-aprender, ampliando progressivamente seus horizontes de possibilidades, desejos, aspirações e realizações, (SOUSA, 1998, p. 3).

Essa autora e muitos outros argumentam que a qualidade na educação infantil vai muito além das condições físicas e materiais, tal como o oportunizar de experiências diversificadas para a criança em um ambiente educacional organizado de forma que estimule a criança durante as atividades, um contexto educativo que vise a promoção de uma educação de qualidade, pois esta, sendo dinâmico é construída diariamente, cabendo ao professor ser um encorajador da iniciativa própria do estudante e mediador da construção do conhecimento. Cabe ainda a ele, criar situações de interação entre a criança o meio, os colegas, buscando encorajá-las e desafiá-las a conhecer o novo, a interagir com novas possibilidades de aprendizagem.

Pascal e Bertram (2009, p.35) definem a qualidade como:

“ um conceito dinâmico e subjetivo, suportado por valores que variam em função do tempo e do espaço”.

A exemplo de Zabalza (1998), consideram a qualidade da educação infantil a partir de dez dimensões: A primeira, *Finalidades e Objetivos*, precisam ser claros e explicitados, havendo dessa forma intencionalidade na prática. A segunda dimensão diz respeito ao *Currículo/Experiências de aprendizagem* e faz relação com a diversidade e possibilidades das atividades oferecidas as crianças, incluindo no currículo todos os domínios de aprendizagem e desenvolvimento.

A terceira dimensão, *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*, na qual diz respeito ao modo como as atividades e as experiências são planejadas e organizadas no sentido de promover a aprendizagem. Considerando as interdependência, interação e autonomia das crianças, as regras de convivência e a participação de crianças e adultos.

Na quarta dimensão, *Planejamento, Avaliação e Registro*, o sujeito principal, o aluno, deve ser levado em consideração assim como demais elementos que o envolve na instituição escolar, entre eles o professor. A quinta e sexta dimensão, dizem respeito à *Qualificação do*

peçoal e ao *Espaço Educativo*. As *Relações e Interações*, sétima dimensão, tornam-se importantes especialmente quando pensamos na educação infantil, afinal é nessa primeira etapa da educação que as relações sociais da criança são ampliadas. Na oitava dimensão, se tem em destaque a individualidade de cada criança e a diversidade em que se encontra, caracterizando-se a oitava dimensão em *Igualdade e Oportunidades*.

Na nona dimensão, tem-se a parceria com *Família e Comunidade* no processo de ensino e aprendizagem da criança, essa dimensão numa visão de qualidade na educação considera a família se suma importância e na qual deve estar efetivamente inserida no espaço escolar. Como última dimensão, a fim de buscar sempre a melhoria da qualidade, tem-se a *Monitorização e Avaliação*. (PASCAL; BERTRAM, 2009, p. 38).

A representação gráfica da ideia desses autores está a seguir:

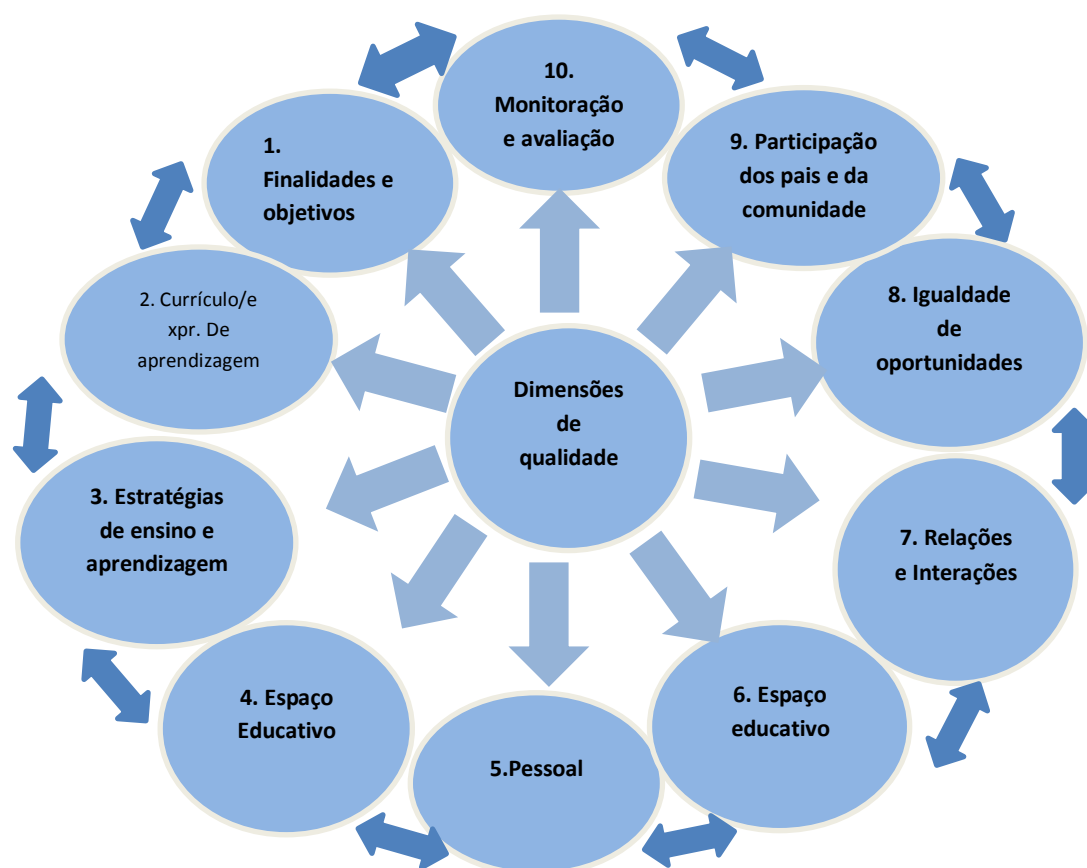


Figura 2. Quadro Teórico de Pascal e Bertram para a Qualidade (2009, p.37)

Segundo Sousa (2006), um dos grandes desafios do professor em relação à educação infantil é atentar-se para a complexidade e multidimensionalidade. Argumenta a autora que o educador deve ter claro seu papel na construção da qualidade, da sua importância assim como

dos demais atores nesse processo. Diz ainda a autora que a qualidade envolve grande investimento de tempo, esforço, determinação, persistência, motivação e interdisciplinaridade. Pois, sem o trabalho de uma equipe partilhando objetivos, afetos, direitos, deveres e responsabilidades, não se conquista a qualidade.

A prática pedagógica do professor, é o fazer diário, depende não apenas dos conhecimentos formais adquiridos na academia, mas essencialmente das observações diárias que faz do seu próprio trabalho, dos seus alunos, da escola, da sociedade e da reflexão diária que implica o trabalho pedagógico.

Veiga (1992, p16), entende a prática pedagógica como uma prática social é orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos e, inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever como educadores a busca de condições necessárias à sua realização.

Esta era a mesma linha de pensamento de Sousa (1998), em relação à qualidade na educação infantil, por ela identificada. È antes de tudo, como a criação de condições necessárias para que a criança efetivamente se desenvolva , aprenda e caminhe na direção da autonomia e do exercício pleno da cidadania, com alegria e prazer. A qualidade se traduz, continua a autora, em oportunidades diversificadas para que cada criança cresça, aprenda e se desenvolva a partir da nossa interferência criteriosamente planejada e desenvolvida e permanentemente avaliada.

Na estrutura desse pensamento, Laevers (2004) propõe 10 iniciativas para a sua prática pedagógica do professor visando um contexto educativo com qualidade, favorecendo a construção, para a criação de momentos de envolvimento e bem-estar, sendo eles:

- 1) Reorganizar a sala em cantinhos ou áreas atraentes; 2) Verificar o conteúdo dos cantinhos e substituir materiais não atraentes por materiais mais atraentes; 3) Introduzir materiais e atividades novos e não convencionais; 4) Observar as crianças, descobrir seus interesses e buscar atividades que respondam a essas orientações; 5) Apoiar atividades em progresso por meio de estímulos e intervenções enriquecedoras; 6) Ampliar as possibilidades para livre iniciativa e apoiá-las por meio de regras e acordos concretos; 7) Explorar e tentar melhorar a relação com cada uma das crianças e entre as crianças; 8) Introduzir atividades que auxiliem as crianças a explorar o mundo do comportamento, dos sentimentos e dos valores; 9) Identificar crianças com problemas emocionais e desenvolver intervenções para auxiliá-las; 10) Identificar as necessidades das crianças em cada área do

desenvolvimento e desenvolver intervenções para gerar envolvimento com a área do problema.

Essas iniciativas são muito importantes, pois as crianças constroem seu conhecimento através da disponibilização de materiais, recursos, atividades diversificadas tendo os adultos para apoiá-las, disponibilizando-as espaços planejados e adequados para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, sempre os auxiliando, e cuidando destes, pois o professor é um mediador do processo de aprendizagem, mais também é um cuidador, no qual possibilita o atendimento das necessidades das crianças como nos remete (BRASIL 1998).

A qualidade da educação infantil se caracteriza como processo e também produto, é complexa, multidimensional e em permanente construção, é constituída, negociada e conquistada no cotidiano, e não é neutra. Sendo assim a qualidade na educação infantil é um processo que se demanda tempo, uma construção em longo prazo, que exige dedicação e muito empenho dos profissionais que atuam na educação infantil. (SOUZA, 1998).

A qualidade na educação infantil em relação aos níveis de envolvimento e bem-estar segundo Leavers (2004), dependem de um conjunto de variáveis, como o contexto, o espaço, os materiais, as atividades oferecidas e, a mais importante delas, a pessoa do professor e a maneira como ele intervém. Ele ainda destaca três dimensões essenciais no estilo do professor: intervenções estimuladoras, sensibilidade e autonomia. Intervenções estimuladoras contribuem para aumentar os níveis de envolvimento. Alguns exemplos dessas intervenções são:

- ➔ Sugerir atividades para crianças que perambulam pela sala de aula, oferecer materiais adequados a uma atividade em progresso, incitar as crianças à comunicação apresentando-lhes perguntas que levam à reflexão. (LAEVERS, 2004, p. 64).
- ➔ A sensibilidade diz respeito a uma postura empática do professor que busca compreender as necessidades das crianças de segurança, afeto, atenção, afirmação, clareza e apoio emocional.
- ➔ E a autonomia aonde se dá na forma aberta de organização e nas intervenções, de modo que as iniciativas das crianças sejam respeitadas e estimuladas (LAEVERS, 2004).

Para Piaget (1978), o desenvolvimento da criança resulta da interação entre criança e as pessoas com quem ela mantém contatos regulares, no caso da escola, o aluno, professores e demais atores deste ambiente. Ele enfatiza as construções realizadas pelo sujeito, ou seja,

essas construções passam a ser possíveis através da interação do aluno com o seu meio, havendo assim a modificação do papel do professor, o qual deixa de ser um transmissor de conhecimento e passa a ser um facilitador deste, enquanto o aluno assume a posse das ideias.

Nessa mesma linha de pensamento Piaget (1978), acredita que a aprendizagem do estudante será significativa quando esse for um sujeito ativo. Se dando quando a criança age ativamente em relação as informações recebidas pelo professor. Contudo, nem sempre vê-se tal entendimento entre profissionais de educação infantil. Esses tem uma prática pedagógica neles centralizada, dando pouco ou nenhuma voz à criança não a vendo como um ser participativo, agente da sua própria aprendizagem, deixando-as errarem e tentarem novamente até que consigam, e assim possam, de fato, ter uma aprendizagem significativa, tal comportamento se dá quando o professor assume o seu papel de facilitador neste processo de ensino aprendizagem.

Professores que buscam a qualidade da sua prática pedagógica, estimularem as crianças, para que sejam ativas, se expressem, participem ativamente nas atividades. Estas, por sua vez, são bem elaboradas, proporcionando às crianças experiências que lhes permitam viver o imaginário, de relacioná-lo com a realidade, de experimentar diversas emoções como alegria, tristeza, medo, de discordância, dando-lhes autonomia para mudarem uma música, um final de uma história, dar aos alunos oportunidades de construir e reconstruir sempre seus conhecimentos, de se sentirem bem e envolvidos.

Uma educação infantil de qualidade assim deveria criar as melhores condições para o aprender, criando condições profundas de aprendizagem das crianças. Dessa forma, tal pesquisa teve como objetivo observar e analisar o empenho da professora em relação ao envolvimento e bem-estar das crianças, numa perspectiva da qualidade da mediação das aprendizagens oferecidas. Analisando como o empenhamento da professora é fator de qualidade na educação infantil.

Como meio de análise, Laevares (1996), nos apresenta a Escala de Empenhamento do Adulto ou conhecida também, como categorias de ação. A escala baseia-se no pressuposto de que a qualidade das interações entre o educador e a criança, apresentam-se como um fator crítico na eficácia das experiências de aprendizagem. Dessa forma, a finalidade da escala é centrar a atenção sobre o tipo de intervenção do adulto no processo das aprendizagens das crianças. As observações têm três componentes ou categorias de ação: Sensibilidade, Estimulação e Autonomia. Onde é explicitada algumas atitudes relativas a cada uma destas três categorias, a fim de facilitar a caracterização do tipo de intervenção realizada pelo adulto. Na qual encontra-se abaixo descrita:

ESCALA DE OBSERVAÇÃO DO EMPENHAMENTO DO ADULTO

| | |
|-----------------------------|--|
| <p><i>Sensibilidade</i></p> | <p>Trata-se da atenção prestada pelo adulto aos sentimentos e bem-estar emocional da criança e inclui indicadores de empatia, sinceridade e autenticidade.</p> <p>As observações centram-se na forma como o adulto responde à diversidade de necessidades das crianças incluindo: Necessidade de respeito - transmitindo à criança o sentimento de que é valorizada e tratada como igual; Necessidade de atenção - ouvindo a criança, reconhecendo a sua necessidade de receber atenção; Necessidade de segurança - reconhecendo e respondendo suas inseguranças e incertezas; Necessidade de carinho - tratando a criança com carinho e cuidado; Necessidade de elogio e encorajamento - elogiando a criança e dando-lhe apoio.</p> |
| <p><i>Estimulação</i></p> | <p>Trata-se do modo como o adulto estimula a criança. As observações centram-se nas seguintes acções:</p> <p>Introduzir ou propor uma atividade; facultar informação; intervir no desenrolar de uma atividade para estimular a ação, o raciocínio ou a comunicação.</p> |
| <p><i>Autonomia</i></p> | <p>Trata-se do grau de liberdade que o adulto dá à criança para experimentar, dar opiniões, escolher as atividades e exprimir as suas ideias. Trata-se ainda do modo como o adulto resolve os conflitos, estabelece regras e lida com questões comportamentais. A observação da autonomia foca-se nos seguintes aspectos: grau de liberdade na escolha da atividade; oportunidades para fazer experiências; liberdade para escolher e decidir como realizar atividades; respeito pelo trabalho, às ideias e opiniões da criança sobre o seu trabalho; oportunidade das crianças resolverem autonomamente problemas e conflitos e participação das crianças na elaboração e cumprimento de regras.</p> |

Quadro 6. Escala do grau de empenhamento do adulto (Laevens 2005).

Depois da observação das 3 categorias de ação, anteriormente apresentadas, cada uma delas é assinalada numa escala de 1 a 5, onde o grau 1- caracteriza estilo predominante de ausência do empenhamento ao grau 5 – que caracteriza um estilo predominante de empenho, sendo analisadas de acordo com o estilo ou as atitudes observadas.

Desse modo, cada ponto da escala reflete o grau em que as ações observadas traduzem ou não atitudes de apoio à aprendizagem das crianças. A escala encontra-se abaixo representada:

ESCALA 5 PONTOS DO GRAU DE EMPENHAMENTO DO ADULTO

| | |
|----------------|--|
| Ponto 5 | Representa um estilo de empenhamento total; |
| Ponto 4 | Representa um estilo predominantemente de empenho mais com algumas atitudes de falta de empenhamento; |
| Ponto 3 | Representa um estilo onde não predominam nem as atitudes de empenhamento nem as falta de empenhamento |
| Ponto 2 | Representa um estilo predominantemente de não empenhamento mas onde se notam algumas atitudes de empenho |
| Ponto 1 | Representa um estilo de ausência total de empenhamento |

Quadro 7. Escala de 5 pontos do empenhamento do adulto (Laevers 2005)

Bertram (1996) e Laevers (1996) definem empenho como:

“a capacidade de o professor ser sensível a momentos em que deve mediar as aprendizagens de seus educandos, ser estimulador, ao propor situações de aprendizagem e saber promover a autonomia da criança. p.54”.

A Escala de Observação de Empenhamento do Adulto é um instrumento para observar a interação educativa entre adultos e crianças, o estilo do educador, ou seja, pretende descrever segundo laevers:

“o conjunto das qualidades pessoais que afetam a capacidade do adulto para motivar, alargar, promover e implicar a criança no processo de aprendizagem” (Laevers, 1991,p.54).

Os professores dessa forma devem se manter empenhados em reestruturar suas práticas, visando a qualidade na educação oferecida, onde as crianças tenham espaços planejados podendo experienciar situações diferentes apresentando níveis elevados de bem-estar e envolvimento e dessa forma ter acesso a um desenvolvimento e aprendizagens significativas. Uma forma do professor refletir sobre sua prática é avaliá-la, é através da pesquisa e da observação em sala de aula.

Segundo Zabalza (2007,p.16):

A capacidade de avaliar possibilita ao professor mecanismos necessários para que seja o construtor do seu trabalho e sentir-se protagonista do mesmo, tendo subsídios para analisar e melhorar sua prática pedagógica.

Neste sentido, precebe-se a importância do professor refletir sobre sua prática pedagógica, onde avaliar vai além de olhar para crianças como seres meramente observados.

A avaliação dará ao professor condições de autoavaliar sua prática e a partir disso ter subsídios e condições para planejar atividades adequadas, estimuladoras que atendam as necessidades apresentadas pelas crianças, numa perspectiva da qualidade na educação. A avaliação nesse sentido é uma ferramenta na qual o professor pode obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e ampliação de seus conhecimentos. Dessa forma, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar, ela apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo.

Laevares (2004), considera a relevância da interação do adulto com a criança, e em especial o papel mediador do professor como mais importante do que o ambiente, os materiais e o espaço. O desenvolvimento e a aprendizagem da criança no ambiente da família e no contexto escolar dependem, em grande parte, do tipo de interação adulto/criança, ou mais especificamente na perspectiva da educação experiencial, do empenhamento do adulto. Dessa forma, interagir com empenhamento é fundamental para o processo de aprendizagem. Mas a que considerar que o estilo do educador é influenciado por sua personalidade pessoal, profissional e também pelo contexto em que está inserido, levando-se em conta o grupo de crianças.

Em síntese, uma educação de qualidade é aquela em que, o bem-estar, o envolvimento e o empenhamento do adulto fazem parte do processo de desenvolvimento da criança pequena, proporcionando a ela um ambiente saudável, seguro e estimulante, que permita-o desenvolver suas potencialidades e ter uma aprendizagem significativa.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 Características da abordagem de pesquisa

Para Fonseca (2002), metodologia “é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência”. Não muito diferente, Kerling (1998 apud BARROS, 2003, p.94) define que a metodologia se constitui por “maneiras diferentes de fazer coisas com propósitos diferentes” assim distintas metodologias significam distintas formas de formular problemas, hipóteses, métodos de observação, obtenção e análise de dados.

A pesquisa aqui desenvolvida optou pela abordagem qualitativa, considerando o contexto escolar e, em especial, a sala de aula como um “ambiente natural”. Conforme Sila & Menezes (2000, p.20):

“A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”.

Tal abordagem metodológica está em sintonia com o modelo da educação experiencial que privilegia o contexto e a ação do professor – o empenhamento, no contexto da sala de aula, “ambiente natural”, onde o processo de bem-estar e envolvimento podem ocorrer.

Segundo Moreira (2002), na pesquisa qualitativa há um interesse em interpretar o que será estudado sob o olhar dos próprios participantes, ou de quem os pesquisa. Há flexibilidade na conduta do estudo e sendo o interesse no processo, busca-se entender a situação em análise.

A presente pesquisa teve como objetivo observar e analisar o empenho da professora em relação ao envolvimento e bem-estar das crianças, numa perspectiva da qualidade da

mediação das aprendizagens oferecidas. Analisando como o empenhamento da professora é fator de qualidade na educação infantil. Para tal foram observadas três atividades: Rodinha, Atividade livre e Atividade dirigida. A pesquisa foi de natureza qualitativa, tendo como participantes a professora e 4 crianças de sua turma escolhidas aleatoriamente, sendo duas meninas e dois meninos. Foi realizada em uma escola pública, situada na Cidade Administrativa do Gama-DF. Os principais autores usados no referencial foram: Sousa (1998;2006), Zabalza (1998), Laevers(2004; 2005), Formosinho (2009), dentre outros. Os dados foram construídos a partir de registro de observação de 3 atividades cotidianas selecionadas em função de sua estruturação – da mais para a menos estruturada.

2.2 O campo da pesquisa

- **A escola**

A instituição escolhida para as observações foi uma escola pública situada na cidade administrativa do Gama, sob a coordenação da DRE- Gama - Diretoria Regional de Ensino. A escolha se deu por já conhecer a escola , tendo facilidade de ingresso para realizar a pesquisa devido ter feito os projetos 4 fase I e II nesta instituição. A escola atende crianças do 1º e 2º períodos da Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Seu quadro profissional é composto por: psicopedagoga, professora da sala de leitura, professoras das salas de aula, orientador educacional, coordenadora, diretora, monitor, vice-diretora, auxiliares de limpeza, de cozinha, e porteiros.

Em termos de espaço físico a escola é composta por cinco blocos compridos de sala , tendo ao centro um pátio grande descoberto. Há ainda, dois banheiros (masculino e feminino) um para os alunos e outro para professores e funcionários em geral da escola, bebedouros condizentes com o tamanho das crianças, (menores e maiores), uma cantina, sala dos professores, secretaria, uma sala de leitura, parque com brinquedos e quadra de esportes.

Não há uma manutenção adequada desses espaços. Nem todas as torneiras dos bebedouros funcionam, há brinquedos quebrados que apresentam grande perigo para as crianças, a quadra de esportes tem rachaduras, e grande mato ao redor. Esta foi coberta recentemente, porém sem a devida manutenção no piso, permanecendo os buracos, pondo e risco, a segurança das crianças. As paredes da escola possuem aparência gasta, além de banheiros com algumas portas quebradas que não fecham por completo.

- **Caracterização da sala de aula**

O espaço físico da sala de aula é condizente com o número de crianças 20. As cadeiras e mesas são adequadas ao tamanho delas, sendo estas organizadas em grupos de 5, com 4 cadeiras em cada. Na sala há na parede mural dos aniversariantes, varal com algumas atividades expostas, armário da professora e uma prateleira com pastas de tarefa de casa das crianças, uma caixa com alguns livrinhos, caixote com peças de montar e uma caixa de papelão com os brinquedos da sala. Há um alfabeto com letras pequenas acima do quadro muito desproporcional em relação ao tamanho das crianças, sem falar da inequabilidade do tamanho das letras.

A organização física do ambiente está ilustrado na figura a seguir:

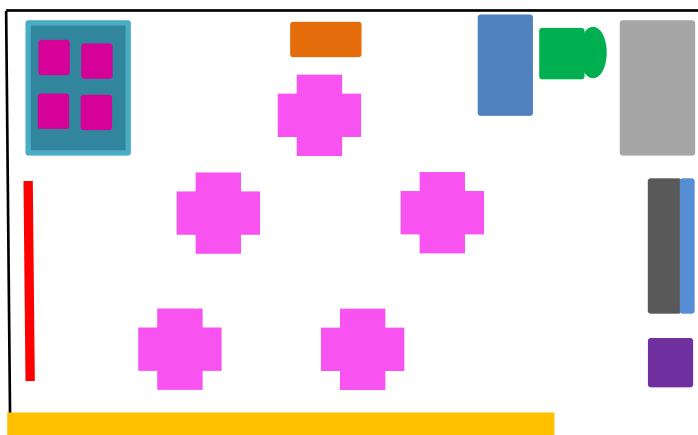


Figura 3. Mapa da organização do ambiente físico da sala de aula

| | |
|--------------------------------------|------------------------------|
| — Paredes da sala | ■ Espelho |
| ■ Janelas da sala | ■ Quadro |
| ■ Grupos de 4 cadeiras e mesas | ■ Alfabeto |
| ■ Varal | ■ Quadro dos aniversariantes |
| ■ Armário da professora | ■ Mesa da professora |
| ■ Armário das pastas, livros, | ■ Cadeira da professora |
| ■ Jogos, livros, brinquedos e pastas | |

• A Turma e a Rotina

A turma observada foi a do segundo período, composta por 20 alunos, 9 meninas, 11 meninos e 1 professora. Era uma turma bastante unida, interagiam bem entre si apesar dos conflitos naturais. Todos brincavam uns com os outros e demonstravam muita alegria em estarem juntos. Na rotina, os alunos começavam a chegar ao colégio por volta das 13h00 e ficavam no pátio de entrada juntamente com as demais turmas sob o olhar dos pais ou responsáveis e das professoras que já os aguardavam. À medida que os alunos chegavam, iam para as filas de suas respectivas turmas. Às 13hrs e 5 min, a diretora ou algum professor dava início a acolhida cumprimentando a todos e fazendo a oração do dia.

Na rotina de sala de aula, os alunos chegavam, colocavam as mochilas no canto da sala abaixo das janelas, pegava as agendas e o dever de casa caso tivesse levado e entregavam para a professora em sua mesa. Após organizarem esses materiais, sentavam-se na roda para um momento mais íntimo de acolhida com conversas, cantigas, histórias e depois faziam as atividades do dia. A organização da sequência das atividades era decidida pela professora, não acontecendo todos os dias da mesma forma. Por volta das 15h00 tinha o lanche. As crianças que terminavam de comer tinham que organizar seu espaço e descansar para esperar a hora de ir para o recreio. Às 17hrs, 3 vezes por semana, era o horário das turmas da educação infantil irem brincar no parquinho e 2 vezes por semana para a quadra de esportes.

A aula terminava 17h45 para a educação infantil. Eram as primeiras turmas a serem levadas para o pátio para saída, onde os pais os esperava. A professora ficava com eles até as 18:00, caso algum pai ou responsável ainda não tivesse chegado. A rotina seguia os horários especificados a seguir:

Horários da rotina diária da turma

| | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta |
|--------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| 1h05 | Acolhida | Acolhida | Acolhida | Acolhida | Acolhida |
| 1h10 às 2h55 | Atividades em sala | Atividades em sala | Atividades em sala | Atividades em sala | Atividades em sala |
| 3h | Lanche | Lanche | Lanche | Lanche | Lanche |
| 3h30 | Recreio | Recreio | Recreio | Recreio | Recreio |
| 3h45 | Atividades em sala | Atividades em sala | Atividades em sala | Atividades em sala | Atividades em sala |
| 5h | Parquinho | Quadra | Parquinho | Quadra | Parquinho |

Quadro 8. Horários da rotina da turma

- **Critério de escolha dos participantes**

Antes de iniciar as observações para a pesquisa, realizou-se a escolha dos participantes, em uma observação inicial da turma, fazendo a escolha aleatória de 4 crianças desta. Desses quatro foram selecionados aleatoriamente: duas meninas e dois meninos. A escolha de quatro crianças e não toda a turma, deu-se, pela necessidade de aprofundar a compreensão do bem-estar e envolvimento das crianças em relação ao empenhamento do adulto (a professora). Com a finalidade de preservar a identidade dos alunos, foram escolhidos nomes fictícios para cada um deles, assim como qualquer outro aluno que venha a ser citado. Os nomes fictícios são: Bruno, Kaio, Rafaela e Maria. A escolha da turma se deu pela sua disponibilidade em receber para realização da pesquisa, sendo a única turma que não havia nenhuma estagiária.

- **Caracterização da Professora**

A professora teve sua formação inicial com o magistério, e posteriormente realizou uma complementação, pois o magistério somente já não a permitia lecionar. Ela tem 42 anos e trabalha na escola por contrato temporário. Relatou que gosta de ser professora, apesar das dificuldades da profissão se sente realizada em dar aula. Mostrou-se uma pessoa comunicativa, simpática e me recebeu muito bem. Interagia bem com as crianças, transmitia simpatia, cuidado e carinho por elas.

- **Instrumentos da pesquisa**

O instrumento utilizado para a realização da pesquisa foi um diário de bordo para registrar o observado. As observações se deram ao longo de uma semana, em três momentos diferentes da rotina escolar. 1) Atividade livre; 2) Rodinha; e 3) Atividade dirigida. As 4 crianças foram observadas nas 3 atividades selecionadas, porém 1 em cada dia. Cada criança foi observada em cada atividade por 3 minutos. Portanto, cada criança foi observada durante 9 minutos ao todo, no conjunto somam 36 minutos de observações, e ao mesmo tempo, observou-se o comportamento da professora.

- **Procedimentos**

O contato com a escola para a realização da pesquisa foi fácil, pois já havia feito as duas fases do projeto 4 nesta instituição, tendo dessa forma contato com a direção da escola, a

qual foi muito receptiva. No mesmo dia em que me dirigi a escola, para ver a possibilidade de realizar minha pesquisa nesta, a diretora já me conduziu a turma e me apresentou à professora e aos alunos. Porém, não realizei a observação neste dia, optei por realizar uma observação teste no dia seguinte. A observação teste foi importante, pois, me possibilitou uma visão da forma mais apropriada para realizar minha pesquisa. Inicialmente tentei observar as 4 crianças na mesma atividade, no mesmo momento. O que me fez perceber que não era viável, pois acabava perdendo muitas informações importantes, pois as observações foram registradas em diário de bordo manual, não sendo autorizada a gravação. Desse modo optei por observar cada criança em cada atividade individualmente, garantindo a qualidade dos dados da observação. O comportamento de cada criança e a professora em cada atividade foram registrados como episódios. Optou-se por descrever a observação dos episódios, organizados da mais para a menos estruturada, conforme a seguinte ordem: Rodinha, Atividade dirigida e Atividade livre. Na análise, serão apresentados sinais de empenhamento da professora, assim como de bem-estar e envolvimento das crianças, juntamente com gráficos representando o empenhamento da professora, envolvimento e bem-estar das crianças nas diferentes atividades. Posteriormente será feita uma comparação entre os resultados das atividades selecionadas, apresentando algumas reflexões sobre os resultados obtidos.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo analisa e discute os episódios da prática pedagógica da professora, em relação a cada criança nas três atividades, no que se refere ao seu bem-estar e envolvimento, bem como o empenhamento da professora nesse tempo.

3.1.1 Bem-estar e Envolvimento de Bruno e o empenhamento da professora

Observação 1 - Rodinha

Data: 21/10/2013

Descrição do contexto:

*No início da aula a rodinha é realizada em círculo na sala de aula com as crianças sentadas nas cadeiras, pela razão do tempo estar frio e a professora achar melhor não sentarem no chão. As mesas são afastadas para perto da parede e feita no centro da sala de aula. Total de crianças: 17. Entende-se **P**- professora, **B**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.*

Episódio observado:

Psq: A professora inicia a aula, como de costume, com a rodinha, com todos sentados em círculo. Esta canção é cantada sempre na rodinha no início da aula, é uma forma de cumprimentar a todos na sala e iniciar um clima de harmonia entre eles e a professora na sala.

P: A professora inicia a música: “Boa tarde professora como vai, boa tarde coleguinhas como vai? [...]” e em seguida para de cantar deixando as crianças darem sequência na música e observa quem está ou não cantando, quem parou de cantar só porque ela parou e quem deu sequência, faz gestos pra quem não esta cantando para que continuem a cantar. Continua a bater palmas no ritmo da música com as crianças.

B: Está muito empolgado cantando, sabe a música inteira, se mostra sorridente, alegre, envolvido e concentrado a todo o momento em cantar e bater palmas junto com os coleguinhas.

B: Sempre que chega a parte da música “Professora como vai?” B sorri cantando e olha para a professora, como se estivesse, de fato, perguntando-a como está.

P: acabando a canção a professora pergunta: vamos cantar outra musiquinha?

B: Diz: canta uma música professora! ela então olha para ele e sorri e responde: está bem, iremos cantar sim, outra musiquinha. B sorri contente e fala para o colega: eba! A tia vai cantar mais uma.

P: A professora inicia a música da Dona aranha que sobe pela parede, ela encena a música, por gestos, expressões faciais, corporais, utiliza as mãos imitando a aranha subindo e descendo.

Psq: Ao longo das músicas B, fica eufórico e chega a se levantar e nem bateu palmas como fazia nas outras músicas, suas mãos sacudiam assim como seu corpo no ritmo da música, ao mesmo tempo em que sorria e cantava, seus olhos estavam fixos em direção a professor. Seu semblante era de felicidade, estava altamente envolvido e concentrado na música.

P: A professora sorriu quando viu a reação de B com a música e deixou que ele ficasse em pé dançando, assim como aqueles que resolveram se levantar também. No fim da música todos bateram palmas, B gritou: hehehehehe a música tia, a música! A professora elogia a todos pelo entusiasmo e participação dizendo: gente que bonito, estou muito contente de ver vocês cantando assim, participando juntos sem confusões!

B: Nessa hora, ele sorri demonstrando estar alegre, e em bem-estar.

Psq: Segundo a professora a música da Dona aranha é a preferida de B, ele levou para sala algum tempo atrás o DVD dessa música para que ouvissem e dançassem. A professora posteriormente pede para que se sentem ainda em roda, pois irá realizar outra atividade com eles. Irão ler o alfabeto olhando para ele que está pregado na parede da sala.

P: Pede para que façam silêncio, pega a régua e mostra a eles que irão ler a letra que ela colocar a régua em cima. Ela inicia o alfabeto e segue até o fim, em sequência.

Psq: O alfabeto é colocado acima do quadro, em uma altura muito elevada em relação ao tamanho das crianças, onde nem mesmo a professora o alcança, necessitando do auxílio da régua para conseguir conduzir a atividade de forma que eles entendam qual letra ela quer que leiam. Além de ser alto, as letras também são pequenas. A professora reclamou do tamanho, porém nada fez em relação a isto.

B: Lê todo o alfabeto corretamente, apesar da pronuncia não estar propriamente correta, pois B tem um problema na fala e não consegue falar direito, em geral.

P: A professora então pede para que leiam novamente o alfabeto, seguindo a ordem da régua que ela vai fazendo. Ela inicia a leitura do final do alfabeto e vai até o início, de trás para frente.

B: Ficou olhando para a professora, ela ia mudando a régua de lugar e ele não conseguia pronunciar nenhuma das letras, ele mexia a boca como se fosse falar, parecia desconhecer todas aquelas letras mesmo as tendo falado anteriormente. Ele começou então a olhar para as outras crianças para tentar ver as palavras que estavam dizendo para tentar reproduzir, porém, os colegas também estavam errando e cada um falava uma letra diferente, fazendo com que B, não conseguisse saber qual letra falar e assim acabou não dizendo nada, apenas olhava pra professora e para os colegas de mesa.

Psq: A professora percebeu que as crianças sabiam o alfabeto quando lido em sequência, provavelmente por saberem a música do alfabeto decorada, porém quando lido fora de ordem, as crianças não reconheciam a letra, pois não haviam aprendido e sim decorado em uma sequência musical, assim aquelas letras fora da música não era significativa para eles.

P: Pergunta algumas letras a cada um deles individualmente. Perguntou a “B” as letras D, L, C. em todas elas ele respondeu que era a letra B.

Psq: B reponde as letras à letra B, pois é a inicial do seu nome, que é a palavra que sabe escrever, ficando incompleto apenas por não saber escrever a letra Y, uma das letras que compõem o seu nome.

P: A professora se mostra preocupada e diz: B precisa prestar mais atenção na tia viu! Pra você aprender mais, quero você sabendo isso direitinho!

B: Apenas sorri para a professora.

P: A professora então passa para a leitura das vogais. E acontece a mesma coisa com B.

B: Não consegue ler as vogais nem em sequência e nem fora dela, porém ele diz outras letras como se fossem as corretas.

P: A professora diz: Leia para a tia B, que letra é essa? (A) e ele responde: é, é, é N tia e sorri. E essa? (E), essa é B tia. P diz: Meu Deus!! Aparenta preocupada com a situação e diz: gente o que é isso, achei que vocês estivessem sabendo mais, vocês precisam prestar mais atenção quando eu estou ensinando as coisas, vocês parecem que só repetem e não gravam na memória.

Análise e discussão da atividade:

A análise a seguir está dividida em dois momentos, pois a professora realizou duas atividades diferentes na rodinha: Cantar com as crianças, e ler o alfabeto com eles. No primeiro momento nota-se empenhamento da professora ao longo da atividade, isto é, houve características de sensibilidade, autonomia e estimulação.

No caso descrito, a professora mostrou-se empenhada na forma como mediou a atividade, buscando a participação ativa e prazerosa de todos eles, apresentando grau de empenho em nível 5 em relação a autonomia, estimulação e sensibilidade. Suas estratégias incluíram cantar de forma motivadora e envolvente, usando expressões faciais, corporais, buscando interpretar a música e não apenas cantá-la. Igualmente mostrou atitudes favorecedoras da autonomia da criança, dando-lhes liberdade e oportunidade para se expressarem, cantar sem ela e, enquanto as observa, vai fazendo expressões faciais e com isso buscando envolver as crianças que não estavam cantando, gesticulando. No geral, foi possível identificar nela escuta sensível, prestando atenção no que as crianças tem a dizer, dando-as atenção e retorno com formas gestuais e não gestuais, com troca de olhares, sinais verbais e não verbais de sensibilidade. Era visível sua tentativa continua de estimulação, criando assim um contexto de aprendizagem e desenvolvimento. Ou seja, no que se refere ao comportamento de Bruno, apresentou possibilitá-lo momentos intensos de bem-estar ao longo da rodinha, ao tempo em que o mantém envolvido na vivência desse momento. O empenhamento demonstrado pela professora segundo a escala de empenho do adulto, indica que Bruno apresentou nível 5 de envolvimento e bem-estar, onde foi notável indicadores

como concentração, energia, expressões faciais e verbais e satisfação, o que contrasta com o segundo momento analisado e discutido a seguir que, apresenta resultado inverso a este obtido, em decorrência do diferente grau de empenhamento da professora.

No segundo momento, leitura do alfabeto, notou-se predominância da ausência de empenhamento, apresentando grau de empenho 1, considerado insatisfatório em relação a promoção da qualidade oferecida. Houve empenhamento da professora apenas em relação ao conteúdo que se propôs a ensinar, no entanto ela não se preocupou com a aprendizagem significativa das crianças. Não preocupando-se com a perspectiva da criança, a começar pelo fato de o alfabeto ficar posicionado alto, acima do quadro, sendo inadequado em relação à visão e alcance das crianças. Nenhuma preocupação com estratégias alternativas para o ensino e aprendizagem do alfabeto. E mais: não se deu conta da inequabilidade da sua atitude. Ao contrário, atribuiu inadequadamente às crianças, uma falta de atenção, e por isto a não aprendizagem do alfabeto. Como se o ensino fosse atribuição de quem o recebe, algo independente das suas interações com as crianças ou mesmo das suas estratégias de ensino.

Na leitura do alfabeto Bruno conseguiu “ler” corretamente quando em sequência. No entanto, como os demais colegas, isto não ocorreu no contrário – de trás para frente. Bruno se esforçou para dar as respostas corretas, uma de suas estratégias foi olhar para os colegas tentando identificar a partir daí, diante dessa atitude insignificante e desmotivadora para eles e colegas, comportam-se como já esperado em situação de não envolvimento: assumiu uma postura mais ausente, ficou apenas olhando o que acontecia, pois não conseguiu participar ativamente, buscar informações entre os colegas não foi o suficiente. Os outros alunos também não estavam identificando as letras corretamente. Nem assim, a professora entendeu a inequabilidade da sua metodologia de ensino. Cabia a ela a crítica e não aos alunos, seria mais produtivo usar estratégias motivadoras para envolver seus alunos na atividade e propiciá-los dessa forma, um momento adequado de aprendizagem e desenvolvimento. Certamente se ela compreendesse a relação entre o seu empenhamento e o bem estar e envolvimento das crianças em contextos do ensinar e do aprender na sala de aula, sua atitude seria bem diferente.

O que se observou, evidenciou o que tende a ser comum frente a uma prática pedagógica desestimuladora de uma reflexão teórica que a fundamenta: estratégias de ensino pouco ou nada estimuladoras, sem uma escuta sensível dos alunos, sem o favorecimento das condições de uma aprendizagem mais autônoma, e não a aprendizagem de decorar uma sequência de sinais e reproduzi-la. O exemplo descrito mostra ainda, o quanto se ignorar as

dificuldades e necessidades dos alunos e não entender como eles podem aprender melhor e se desenvolverem, pode resultar na criação de estratégias de ensino desmotivadoras, que distanciam o aluno do bem-estar e do envolvimento, e assim comprometer a qualidade da prática pedagógica do professor.

A atividade se apresentou repetitiva e estereotipada, não contemplando um contexto de uma educação de qualidade. Sem a participação ativa da criança não se tem uma aprendizagem significativa. Como argumentado por Piaget (1978), a aprendizagem do estudante se apresenta de forma significativa quando ele é considerado sujeito ativo nesse processo. Bruno apresentou níveis insatisfatórios de bem-estar e envolvimento, o que poderia ser diferente caso a professora se empenhasse em mediar a atividade com qualidade, com cuidado para com a criança e seu desenvolvimento e aprendizagem.

Observação 2 - Atividade dirigida - Letra “Q”

Data: 21/10/2013

Descrição do contexto:

*Após a rodinha, a professora organiza a sala e pede para que as crianças se sentem em seu lugar. Inicia um diálogo sobre o assunto da atividade e posteriormente os entrega, colocando em seguida um pote com lápis de cor e de escrever em cada mesa. Total de crianças: 17. Entende-se **P**- professora, **B**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] -*

Episódio observado:

P: A professora pergunta: *Gente quem gosta daquele alimento que os ratinhos adoram em?- o queijo?*

B: *Eu gosto de queijo e sorri, reproduzindo algumas palavras que as outras crianças estavam falando, até mesmo que não gosta de queijo, mesmo anteriormente havendo dito que gostava.*

P: *A professora coloca a letra “Q” no quadro, lê e diz que é a letrinha do queijo, e que irá estudá-la e pede para que a leiam: que letra é essa gente?*

B: *É Q de queijo tia e sorri. Apresentando-se atento ao que acontece na atividade, sempre olhando para a professora.*

P: *Muito bem crianças, agora vocês irão fazer uma atividade para eu ver se vocês estão conhecendo bem as letrinhas. Ela lê o pequeno texto que contém na atividade, com entonações, realizando expressões faciais.*

Psq: A atividade era apenas para que as crianças pintassem o desenho dos queijos e circulassem as letrinhas “Q” que tivessem no texto. Porém, ela vê a dificuldade das crianças em saber ler o alfabeto ou mesmo as vogais e não conseguirem identifica-las separadas. Então ela pede para que além de circular as letras “Q” que também pintem todas as vogais que tem no texto.

B: Não consegue fazer a atividade corretamente, ele não entende o que é para ser feito, e faz como acha que é. Mesmo perguntando novamente a professora como deve ser feito. Ele diz por ouvir as outras crianças perguntarem, é pra pintar professora, é? A letra tudo e o queijo?

P: A professora vai até sua mesa e mostra passo a passo, com calma, o que era para fazer. Você vai pintar os desenhos dos queijos (fala apontando com o dedo para os desenhos) e depois vai circular a letra “Q” de queijo lembra? B diz: lembra tia e aponta com o dedo a letra que está em destaque no início do texto. É esse né? A professora responde: isso mesmo, muito bem! Depois você vai pintar todas as vogais com lápis de cor, aquelas ali olha(aponta com o dedo em direção a ao trem), do trenzinho menor, está vendo?

B: diz: tá tia e sorri. A professora diz: então faz aí pra tia bem bonito! (sai de perto da mesa dele).

B: Escreve em toda a atividade as letras A, B, R e o N de lápis de escrever, ele escreve literalmente em todos os espaços da folha, até mesmo em cima do desenho e do texto. Depois utiliza várias cores de lápis e faz rabiscos, como se estivesse pintando.

Psq: As letras que ele escreve são as do seu nome, a única palavra que consegue escrever quase completa, apenas deixando o Y de fora.

P: A professora ao andar pela sala vê que ele não fez corretamente, mas, o deixa fazer como quiser, e diz olhando para ele: Eita B não tem jeito né, você sempre faz isso!

B: Apenas sorri para ela. Aparentemente não se incomoda com o que a professora o disse, permanece quieto em sua mesa fazendo a atividade do seu jeito, se mostra calmo e atento ao que faz.

B: interage com as crianças da sua mesa e pergunta a um colega: é assim que é pra fazer? e o colega responde que não, que ele fez errado. B diz: tá errado esse e aponta pra sua própria atividade e sorr. Não se importa e a continua fazendo. Mesmo os colegas dizendo estar errada sua atividade, B não se importa e continua a fazer a sua atividade como ele quer, nada que digam interfere no jeito como a faz.

P: A professora presenciou a cena, porém, não interviu. Passou direto e foi para sua mesa.

B: Ele então termina a atividade e a leva até a mesa da professora e diz: pronto, professora terminei! tá certo assim?

P: Ela diz: muito bem B, fez tudo heim! Agora pode sentar pra gente descansar pra ir para o lanche.

B: Sorri e balança a cabeça sinalizando uma resposta positiva ao comentário da professora.

Análise e discussão da atividade:

Em alguns momentos evidencia-se atitudes de empenhamento da professora, porém ao longo da atividade nota-se a predominância de falta de empenhamento, apresentando grau 3 de autonomia e 2 de sensibilidade e estimulação. A presença de diálogo e da escuta sensível em relação a criança é visível apenas em determinados momentos, quando a professora contextualiza o que deveria ser feito na atividade por meio de um diálogo informal com as crianças. Conversam sobre a letra “Q”, e os dá o exemplo do queijo como uma das palavras com essa letra, e vão dialogando. Ela os escuta, dando oportunidade de expressarem o que pensam, expõem suas opiniões, um momento favorecedor da promoção da autonomia da criança. Realiza a leitura do texto de forma interpretativa, muda o tom da voz, de forma estimulante proporcionando um momento prazeroso, possibilitando condições favoráveis para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Ela explica que na atividade era apenas para circularem as letras “Q” do texto e pintarem os desenhos, porém devido a dificuldade das crianças em reconhecer as letras na atividade anterior, ela pede para que também pintem as vogais encontradas no texto. Nota-se empenhamento da professora em modificar a atividade do momento, em função das dificuldades apresentadas pela criança. Porém, no caso de Bruno, este empenhamento não foi efetivo na medida em que sua dificuldade de identificar as letras não pôde ser solucionada com esta estratégia de ensino. Conhecimentos anteriores seriam necessários para que Bruno, pudesse reconhecer as letras do alfabeto. Estes poderiam ser adquiridos nas diferentes vivências proporcionadas a Bruno pela professora, o que não foi entendido pela professora. Se, assim o fosse, ela teria identificado a necessidade específica da criança e como mediadora da construção do conhecimento, criar metodologias adequadas para essa aprendizagem do alfabeto e assim, com atividades estimuladoras e significativas, capacitar Bruno e colegas no reconhecimento de qualquer letra do alfabeto.

A professora ignorou o fato de Bruno ter feito a atividade errada e ainda o elogia dizendo que está bonito e correto quando à entrega. A atividade estava incorreta. Não foi feita conforme orientação dada. Sua atitude incentiva o aluno a permanecer no erro. São atitudes equivocadas, não criando condições necessárias e adequadas de aprendizagem para a criança, prejudicando dessa forma seu desenvolvimento, caracterizando um contexto onde não predomina características de uma educação de qualidade.

A professora não só demonstrou falta de empenhamento, mas parece desconhecer princípios básicos de um ensino de qualidade, conforme ressaltado por Sousa (2006), ao

afirmar que a qualidade na educação infantil requer que se oportunize à criança situações de aprendizagem significativa, implicando numa prática pedagógica planejada, desenvolvida e avaliada constantemente pelo professor. Bruno tenta se envolver, é persistente, se mostra esforçado, encontra estratégias de busca do bem bem-estar e envolvimento, chama a atenção da professora para suas dificuldades, contudo isto não é levado em consideração pela professora, que também, não só contribuiu para que ele persistisse no erro elogiando-o, deixando fazer a atividade como quisesse. Não soube ou não se interessou em ajudar o aluno a refletir sobre o que faz, e a partir daí, construir um não conhecimento, conforme o esperado na atividade. Apesar dos esforços observados, Bruno não se envolveu satisfatoriamente, pois, se manteve em uma zona de conforto, não havendo esforço cognitivo para o desenvolvimento da atividade, apresentando nível 2 de bem-estar e envolvimento, considerados insatisfatórios para o seu pleno desenvolvimento.

Observação 3 - Atividade livre - Parquinho

Data: 21/10/2013

Descrição do contexto:

*Ainda em sala, a professora inicia um diálogo com os alunos dizendo-os que irão para o parquinho. Logo depois seguem para o parque. O chão do parquinho é de terra, nada de gramado, possui vários brinquedos diferentes e uma pia comprida com 4 torneiras. Total de crianças: 17. Entende-se **P**- professora, **B**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.*

Episódio observado:

P: A professora avisa que irão para o parque brincar, mais que ela está muito triste com algumas pessoas, pois, teve que chamar muito a atenção em sala por estarem conversando muito. E alerta que da próxima vez, os conversadores irão ficar na sala sem parque.

B: Ao ouvir que iria para o parque, abre um sorriso e diz: eba!! Nós vamos para o parque brincar hoje né tia? E sorri novamente. Posteriormente, começa a gritar ao mesmo tempo em que vê o colega gritando. Suas ações são de repetição de algo que alguém próximo a ele faz.

P: A professora então, pede silêncio e reclama com todos que estavam gritando dizendo que não pode, inclusive com B.

B: Ele responde: não pode gritar né tia, não pode!

P: Isso mesmo B, não pode gritar, é falta de educação. Ele sorri para ela como se tivesse entendido. A professora explica para as crianças para não fazerem coisas que não é legal perto do B, porque ele não entende as coisas direito e imita a todos e a qualquer coisa que eles façam. B, apenas a olha falando sobre ele e sorri. Depois disso ela os leva para o parquinho.

B: Chegando ao parquinho tira o tênis, sai sorrindo e correndo com braços abertos como se ali fosse um local de liberdade para ele. Vai direto para um balanço, se senta e fica balançando, sorrindo e acenando para os colegas. Se mostra muito contente e confortável.

P: A professora diz: B, tome cuidado com esse balanço, não pode balançar forte. Ta escutando né gente, e nem passa atrás nem na frente do balanço pra não machucar.

B: Diz: não pode né professora forte, que machuca e sorri.

P: A professora sorri e balança a cabeça para ele respondendo que sim.

Psq: Na maioria do temp, no parquinho B permanece no balanço. Segundo a professora é um dos brinquedos que ele mais gosta, aonde passa muito tempo.

B: Corre com os colegas pelo parquinho, brincam de “pega pega”, ele é café com leite da brincadeira, pois os colegas não o pegam, pois, segundo eles, ele não entende a lógica da brincadeira, então apenas corre da pessoa que é o “pega”. Ele corre pra todos os lados, cai na terra, fica sorrindo, olha pra professora sorri e diz: cai tia! Se mostra confortável e alegre.

P: Ela devolve o sorriso e diz: vamos B levanta corre que lá vem o pega.

B: Na mesma hora se levanta, correndo e gritando: corre, corre, o pega! E corre acompanhando os colegas na brincadeira. Saindo da brincadeira ele se senta na areia com um colega que está fazendo bolos de terra. O amigo diz: B, pega água lá na torneira pra fazer o bolo, e dá uma garrafa amassada para ele. B, pega a garrafa a enche de água e volta se senta e ajuda o colega a amassar o bolo. Ele sorri e diz: é o bolo de comer esse né. O amigo diz: é pra gente fazer o aniversário mas é de mentirinha só lá em casa que pode comer de verdade. B sorri e diz: é lá em casa que eu como o bolo é? O amigo não responde. B amassa o bolo por algumas vezes mais, faz uma bola e a amassa no chão, depois sorri, se levanta, vai até a torneira lava as mãos e retorna para o balanço.

Análise e discussão da atividade:

Nota-se na professora variações quanto ao seu empenhamento - algumas vezes houve empenhamento e outras não, caracterizando no decorrer no episódio em grau 4 de empenhamento, sendo este predominante de empenho. No caso positivo observou-se promoção da autonomia, sensibilidade e estimulação. Percebe-se certa falta de sensibilidade em dialogar com as crianças sobre Bruno, de como devem agir com relação a ele, pois apresenta características singulares de atraso no desenvolvimento tendo comportamento muitas vezes diferenciado em relação a sua idade, pois acaba o rotulando como o diferente, o excluindo, como se não fosse capaz de se desenvolver e participar ativamente com autonomia na construção da sua aprendizagem. Os episódios no parquinho caracterizam cenas de empenho quando a professora estava atenta ao que Bruno fazia, percebeu-se cuidado para com ele, o alerta sobre perigos de acidentes, apesar de temer que ele se machuque permite-o que se sinta à vontade, brincando com autonomia. A professora o estimulou em diversos momentos através de expressões verbais, não verbais. Em um momento Bruno estava correndo e caiu no chão, ela o olha, sorri para ele e com expressões faciais de estímulo fala para que se levante e retorne a brincadeira, o estimulando a se sentir bem. Bruno apresenta-se confortável, com sinais evidentes de bem-estar e envolvimento apresentados em nível 4.

Demonstra expressões corporais e faciais, de contentamento, energia e concentração , dialoga e interage brincando com outras crianças.

Segundo Vygotsky (2007), o ato de brincar permite que as crianças pensem e hajam de diferentes maneiras, fornecendo a elas um vasto conhecimento simbólico. Ao brincar, a criança desenvolve-se como indivíduo social ativo, ampliando suas pontencialidades por meio de uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, no caso observado, a professora permite nesta perspectiva um espaço de autonomia e liberdade de expressão durante a brincadeira livre, favorecendo a Bruno momentos de participação ativa no processo de construção do seu conhecimento através do brincar.

3.1.2 Bem-estar e Envolvimento de Kaio e o empenhamento da professora

Observação 1 – Rodinha

Data: 22/10/2013

Descrição do contexto:

*A rodinha acontece no início da aula, logo após a chegada das crianças, é feita no chão, sentadas abaixo do quadro negro. Total de crianças: 20. Entende-se **P**- professora, **K**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.*

Episódio observado:

***Psq:** antes de iniciar a aula a professora leva as crianças ao banheiro e para que tomarem água. Quando voltam pede para que se sentem em seus lugares e pergunta: vamos começar a aula gente?*

***K:** Sai de sua cadeira juntamente com os colegas e vão para o chão, se sentando em rodinha para iniciar a aula, isso sem que a professora tivesse mandado.*

***P:** A professora pede para que voltem aos seus lugares pois, ela não havia mandado ninguém fazer rodinha. Diz: podem voltar gente, quem mandou vocês se sentarem no chão?.*

***K:** diz: Ah não, tia! Faz expressão de triste e vai se sentar em seu lugar.*

***Psq:** A rodinha é uma atividade que acontece sempre no início da aula e faz parte da rotina da turma, isso fez com que os alunos pensassem que era hora da rodinha e por isso automaticamente foram se sentar no chão.*

***P:** A professora percebe que a maioria das crianças queria a rodinha, ela faz uma votação para decidir se a farão ou não. Ela Diz: gente calma! Então vamos fazer assim, quem quiser fazer a rodinha levanta a mão e quem não quiser não levanta ta bom?*

***K:** Eba! Tabom tia e levanta a sua mão.*

***P:** Diz: todo mundo quer rodinha né gente, então bora galera! Podem se sentar no chão e fazer a rodinha.*

***K:** sai correndo e se senta no chão ao lado da professora.*

***P:** A professora explica que hoje irão conversar sobre o que cada um havia feito no fim de semana.*

***K:** Diz: eu fui no zoológico com meu pai professora.*

***P:** Diz: Calma **K** não é assim, é para todos se sentarem na rodinha primeiro e depois quem quiser falar vai levantando a mão um por um, entenderam?*

***K:** A olha e diz: Tá tia.*

***P:** A professora inicia a conversa falando sobre o que ela havia feito no seu fim de semana. Diz: Eu vou começar, silêncio! Esse fim de semana, eu fiz várias comidas deliciosas na minha*

casa, fui passear com minha filha no parquinho da rua que moramos e também tomamos banho de piscina na casa da minha mãe.

K: *Atento ao que a professora dizia, logo que ela termina diz: e eu também passei tia, e fiz um monte de coisa.*

P: *Que bom né K, espere um pouco para falar, agora é a vez do seu colega, pois ele levantou a mão primeiro.*

K: *Tabom tia, mas depois é minha vez, porque eu também levantei. K esta sentando apresentando estar confortável.*

P: *Diz: ok, depois é você.[...] depois da fala do colega a professora diz: K, agora é sua vez, pode dizer pra gente, o que você fez no fim de semana?*

K: *Sorri e diz, com empolgação. Eu fiz um tantão de coisas tia, eu brinquei na minha casa com o cachorro, com a minha mãe, meu pai e minha irmãzinha.*

P: *Que legal K, e brincaram de que?*

K: *Diz: de um monte de coisa, de jogar no computador, de casinha e de correr. E também eu fui ao zoológico lá longe.*

P: *Diz: e que bicho você viu K, conta pra gente ?*

K: *Eu vi o macaco, a girafa e o elefante, e tinha também mais outros animais, mas eu não lembro e sorri.*

P: *Diz: muito legal né crianças, vamos bater palma pro nosso amigo. Todos batem palmas.*

K: *Sorri e demonstra expressão de acanhamento. Depois outra criança começa a falar e ele volta sua atenção ao que o colega está dizendo.*

Psq: *Após as falas das crianças a professora fala sobre a importância da família. K, se mantém atento, a professora faz muitas perguntas para todas as crianças, isso faz com que prestem mais atenção, diante das perguntas pois ficam atentos para saber as respostas e tentar responde-las.*

K: *As vezes se distrai olhando para o lado, para alguma outra coisa, com o quê outro colega faz, porém é algo rápido, sempre retorna a atenção para a conversa.*

P: *Crianças nós conversamos sobre o que fizemos no nosso fim de semana, e todo mundo disse que estava com sua família, não é mesmo?*

K: *Sim, eu estava também.*

P: *Pois é crianças, nós devemos cuidar bem da nossa família, ficar juntos, sermos carinhosos e respeitar todo mundo viu. Nós todos temos família, mesmo que seja uma família diferente. Tem gente que tem só a mamãe, ou só o papai, ou tem os dois morando juntos, às vezes morando separados, alguns tem o vovô não é mesmo?*

K: *Sim. Levanta a mão e diz: E eu tenho um monte de família tia e eu gosto deles.*

P: *Isso mesmo K, temos que cuidar bem da nossa família, abraçar, beijar. Como é sua família K, conte para nós?*

K: eu tenho minha mãe, minha tia e minha irmãzinha pequena e também meu cachorro lá em casa, mas tem mais, só que não mora lá em casa né, tia?

P: isso mesmo K, muito bem! A família não é apenas as pessoas que moram com agente não, né, crianças?

K: ééééé

P: Então agora vamos bater palma pras nossas famílias crianças!

K: bate palma, sorrindo e gritando Eheheheheheeh!! K está sempre sorrindo, fazendo expressões faciais e corporais, percebe-se energia e atenção.

Análise e discussão da atividade:

Inicialmente percebeu falta de empenho da professora, reprimindo as crianças quando de forma autônoma fizeram a rodinha por ser início da aula, mesmo tendo sido algo da rotina diária estabelecida pela professora, ela desconsiderou as atitudes de autonomia das crianças. Talvez isto seja reflexo do seu desconhecimento da importância da rotina. Porém logo em seguida, talvez ao repensar seu ato, a professora proporciona a criança um sentimento de segurança, organização e consequentemente atitudes de autonomia sensibilidade e estimulação, os apresentando em níveis 5. No caso, a criança sabe o que irá fazer, isso não a deixa insegura. Ao mandar as crianças que naturalmente foram para a rodinha retornarem aos seus lugares, a professora não mostrou sensibilidade as atitudes das crianças. Contudo, diante das expressões de descontentamento da maior parte da turma, a professora repensou a sua atitude e numa escuta sensível, perguntou a opinião das crianças em relação à rodinha, ouve e acolhe suas opiniões, estimulando assim, a promoção da autonomia, da confiança da criança como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem. De forma democrática e empenhada, faz uma votação entre as crianças para decidirem se farão ou não a rodinha. Cria a oportunidade para que expressem sua opinião individual, pelo voto, as escuta e responde positivamente, acolhendo a decisão da maioria de fazer a rodinha. Foi um processo democrático de escolha entre professor e alunos.

Houve empenho da professora na forma de mediar a votação, coloca regras de organização para as falas, promovendo um momento de autonomia e liberdade de escolha para cada um falar no seu momento. Nas falas a professora estimula a criança a se expressar com confiança e liberdade intervindo em sua fala de forma mediadora, fazendo perguntas, explorando suas falas, ajudando-os a explorar suas vivencias, criando um contexto estimulante onde a criança pudesse se sentir bem e participar ativamente. Posteriormente, a professora fala sobre a família, os diferentes tipos de família, respeitando as diferenças e

colocando a importância do respeito e carinho que devemos ter a família. Percebe-se empenhamento da professora em falar sobre o assunto, estimulando o diálogo, acolhendo e apoiando a fala de Kaio sobre o assunto. Kaio apresentou concentrado na atividade, com alguns atitudes de dispersão, porém sempre retornava à atividade rapidamente, ficava à vontade na rodinha, pareceu sentir-se confortável, estava a todo tempo sorrindo, fazendo expressões faciais, verbais, com atitudes de energia e complexidade. Apresentando nível 5 de bem-estar e 4 de envolvimento.

Dessa forma, foi possível identificar o afirmado por Silva (2010), sobre a hora da rodinha no sentido desta oportunizar, sobretudo, a construção de conhecimentos e a multiplicidade de respostas e variáveis. Dai a necessidade desse ser um momento de mediação e de explorar-se da melhor forma, aproveitando as contribuições das crianças a favor de sua aprendizagem, colocando desafios e questionamentos às crianças, fazendo-as pensar e interagir significativamente nessa atividade.

Observação 2 - Atividade livre - Filme “O espanta tubarões”

Data: 22/10/2013

Descrição do contexto:

A professora organiza a sala de aula com as mesas encostadas na parede e a frente fileiras de cadeiras, deixando um grande espaço na frente para que as crianças pudessem escolher entre, sentar nas cadeiras ou no chão. Total de crianças: 20. Entende-se P- professora, K- aluno observado, Psq - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.

Episódio observado:

P: A professora abre espaço na sala e organiza o espaço de forma que as crianças tenham varias escolhas de como se sentar para verem o filme, podiam sentar na cadeira, deitarno chão.

K: ficou sentado na cadeira, mostra-se calmo e atento ao filme. Segura uma aranha de plástico pequena na mão, brinquedo que trouxe de casa, porém, não brinca com ela, apenas a segura, parece estar confortável. Sorri de uma cena do filme e diz: meu deus ele é rápido, olha! Dá gargalhadas.

Psq: K, se apresenta com atenção no filme, olhando fixamente, sorri em algumas cenas, mas não se nota sinais de energia, interação com o momento, é como se estivesse apenas vendo tv.

K: permanece com sua atenção no filme até que algo que o incomoda em seu tênis, começa a prender sua atenção. Ele vê o filme e a todo momento mexe em seu tênis. Depois de algum tempo resolve tirar o tênis e ver o que o incomoda. Tira o tênis e a meia dizendo: tá errado, minha mãe não pôs direito por isso que tá ruim isso. K, calça o tênis de forma que não o incomode mais e vai se deitar no chão, voltando a assistir o filme. Depois de um tempo começa a bocejar algumas vezes, vira pra um lado, pro outro, olha para o filme, nota-se olhares vagos. Depois começa a brincar com a aranha que estava em sua mão, tenta colocá-la no ombro de uma menina, que estava deitada a seu lado. Ela reclama: para com isso K, eu vou falar para a professora. Ele sorri e então esconde a aranha na mão, espera a menina se distrair com o filme e tenta novamente colocar a aranha nela. Ela começa a gritar com ele: para! Eu já falei, e começa a chamar a professora. K, começa a rir e esconde a aranha para que a professora não a veja. Olha para os lados procurando alguém para conversar com o intuito da professora não perceber que era ele que estava pirraçando a colega.

P: Mais não adiantou, a professora diz: K para com isso, já falei que não pode ficar com brinquedo na hora do filme, vai guardar isso na sua mochila agora.

K: sorri e diz: mais é de brincadeira, nem machuca ela.

P: diz: vamos K, agora, guarda isso, se não, você não vai pro parquinho hoje.

K: Eu vou professora, sorrindo, rapidamente vai guardar o brinquedo na mochila. Volta e torna deitar no chão para ver o filme. Depois de um tempinho começa a bocejar e a passar a mão nos olhos como quem está com sono, olha para o filme fixamente e em seguida fecha os olhos, fica fechando e abrindo os olhos lentamente, como se quisesse vencer o sono, porém não consegue, e acaba dormindo, não vendo o final do filme.

P: A professora, a todo o momento permanece em sua cadeira, afastada das crianças. Está realizando uma atividade à parte em sua mesa, e apenas interfere no momento quando alguma criança a chama ou quando as crianças aumentam a voz, intervindo apenas para manter a ordem no ambiente.

Análise e discussão da atividade:

Nota-se predominância de atitudes de falta de empenhamento da professora. Apresenta nível de autonomia 3 e 2 em relação a sensibilidade e estimulação no episódio. Utiliza o filme como atividade livre, sem mediação, onde as crianças apenas o assiste. Percebe-se empenhamento antes, ao organizar o ambiente para a realização da atividade. Ainda que se saiba o destacado por Hohmann e Weikart (1997), Organizar o espaço de forma

segura, motivante e a que possa proporcionar um ambiente acolhedor e de bem-estar, isto só não basta. Neste, o mais importante é a ação das crianças que precisa ser sempre considerada ao longo do desenvolvimento de qualquer atividade de sala de aula. O exemplo descrito mostra que a organização de um ambiente confortável e de espaços de escolhas em si, não garante que crianças em bem-estar, irão envolver-se com aquilo a elas propostas. No caso específico faltou empenhamento da professora, transformando tudo numa atividade livre, sem intencionalidade, sem estimulação a participação ativa das crianças.

Um filme pode ser uma ferramenta muito importante no contexto escolar se utilizada de forma adequada, pois, possibilita um amplo campo de exploração de descobertas, de questionamentos. Daí precisa se ter objetivos pré determinados. Kaio chegou a apresentar sinais de energia, expressões verbais, corporais e até de bem-estar em nível 3, porém sem muita intensidade, a num nível rotineiro, não demonstrando sinais de envolvimento real, sendo caracterizado pelo nível 3. Por muito momentos se distraiu e mesmo retornando sua atenção para o filme não persistiu nessa atenção. Não pareceu a ele algo significativo. Se fosse, ele se concentraria.

De certa forma Kaio assistiu ao filme como se estivesse vendo Tv em sua casa, como se fosse um momento de lazer, chegando até a dormir no seu final tamanho era o seu desinteresse. Não pareceu que a professora tinha uma proposta pedagógica quando decidiu incluir o filme na programação da rotina. Nada foi dito antes sobre ele, e nada foi comentado após. A professora permanece em sua mesa com atenção em fazer outras coisas. Contudo, ao voltarem do banheiro, houve sim uma proposta de atividade a ele iniciada que será o objeto atividade dirigida, na observação 3 de Kaio, descrita mais adiante.

Observação 3 – Atividade dirigida - Reconto do filme através do desenho.

Data: 22/10/2013

Descrição do contexto:

*Logo após o termino do filme, a professora leva as crianças no banheiro e para tomarem água. Reorganiza a sala de aula e pede para que todos sentem em seus lugares para iniciar a atividade. A professora explica que irão recontar o filme através do desenho, os entrega uma folha em branco e coloca em cada mesa um pote com lápis de cor e escrever. Total de crianças: 20. Entende-se **P**- professora, **K**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] -*

Episódio observado:

P: *A professora entrega uma folha em branco, lápis de escrever, de cor e giz de cera e pede para que as crianças desenhem a história do filme que eles assistiram registrando-a através do desenho, o que eles lembram e como entenderam a história.*

Psq: *Segundo a professora K, gosta muito de desenhar, ele trás para a escola toda semana seu caderno com vários desenhos feitos pelo pai, a professora diz ser desenhos muito bonitos, bem feitos, todos a lápis e alguns estão pintados por K. A professora diz, que K fala que os desenhos foram feitos por ele.*

K: *Ao saber que a atividade era de desenhar, fica muito contente, diz: ebaaaaa! Agente vamos desenhar! Eu sei fazer um monte de desenho, de carro, mão, bicho e tudo eu sei fazer. Se exalta empolgado e acaba falando com tom alto com colega da mesa.*

P: *O reclama: K fale mais baixo, pois não é hora de conversar e sim de desenhar, fazer a atividade.*

K: *diz: tabom! e faz cara de quem não gostou da reclamação, mais volta a fazer seu desenho.*

P: *A professora fica andando pela sala, vai de mesa em mesa observando como as crianças estão fazendo os desenhos, ela elogia alguns, dá palpites, e chama atenção de alguns bagunceiros. Diz a K: muito bem está ficando bom heim! E ele responde: tá bonito professora? ela diz: sim e ele sorri e fala para os colegas: a professora disse que tá bonito e sorri, voltando a desenhar. Ela então pergunta para a turma: gente quais são os animais que nós vimos no filme mesmo heim?*

K: *Responde: o tubarão e o peixe tia*

Psq: *K demonstra estar alegre, sorri, fala sobre o que esta desenhando, as cores, (não consegui anotar registrar as falas nesse momento).*

P: *Muito bem K, mais tinha mais coisas não é mesmo, tinha o cavalo marinho, a lula, o tubarão martelo, conchas do mar, tinha a casa onde eles moravam não é mesmo?*

K: *é tia e tinha roupa também, bem colorida que os peixes usavam que nem agente.*

P: Isso mesmo K, então vamos desenhar nossa historia bem bonita e colorida que a tia vai colocar no mural para o papai e a mamãe verem.

K: apresenta-se concentrado na atividade, sorri, apresenta expressões verbais e faciais de contentamento o tempo todo. Se concentra e não conversa com os colegas de mesa.

P: A professora sent-se em sua mesa e vai organizar as agendas das crianças, olhando e colando um bilhete, as crianças que vão terminando as atividades a levam até a mesa para que a professora veja se está correto e se já podem entregar.

K: faz o desenho de vários animais como o tubarão, peixinho, caranguejo, plantas do fundo do mar, pinta a folha em volta de todos os desenhos, nos espaços vazios da folha de azul como se fosse a agua do mar. Colore bem os desenhos, desenhando do seu jeito. Ele não tem pressa para fazer a atividade, faz com calma, ao mesmo tempo em que conversa com o colega da sua mesa sobre o que esta desenhando. K diz ao colega: Olha o que eu fiz, aqui tem o tubarão e os peixes que moram juntos no mar. E seu colega diz: e eles que são amigos, brincam juntos e cantam. C diz: é e eu vou pintar eles tudo bem bonito pra ficar colorido. K, após as falas sempre retomava com atenção sua atividade, como se fosse necessário expressar aos colegas como ele estava fazendo, notava-se alegria em compartilhar com eles.

K: Termina seu desenho e leva para a professora ver se está correto. K diz: terminei professora ta bonito?

P: muito bem K. Está de parabéns! Conta pra mim o que tem no seu desenho.

K: Tem os peixes, o tubarão e as coisas do mar onde todo mundo mora, lá no mar, e esta colorido tia, porque eles gostam assim, e o resto é azul porque é a agua do mar, da casa deles e termina a frase sorrindo.

P: muito bom, esta de parabéns! A tia vai pendurar seu desenho, você pode ir lavar as mãos agora ir no banheiro e aproveita pra tomar água.

K: sorri com o elogio, e responde: tabom! e sai da sala.

Análise e discussão da atividade:

Nota-se na professora a predominância de atitudes de empenhamento, onde apresenta nível 4 neste episódio, apresentando escuta sensível em ouvir as crianças, dando-lhes retorno, respondendo, questionando, estimulando para que relembrem memórias do filme, sem rigidez de que desenhem apenas coisas do filme, pois eram memorias das crianças em relação a ele e esta varia da percepção de cada criança, sendo memórias significativas que representaram, as quais possuem algum sentido para eles.

O desenho é arte, e arte é ludicidade como nos afirma Silva (2010), pois, para ela no desenho a criança produz um fazer prazeroso, numa mistura de faz de conta com o mundo real, em interações dinâmicas dentro de muitas possibilidade, em que possam se libertar da rigidez ideológica do sistema educacional e politico, de forma a realinhar pensamentos e

conhecimentos, cabe o professor possibilitar esses momentos, flexibilizando regras e limitações.

A proposta de desenhar o que assimilaram do filme se apresenta bem lúdica e interessante, pois permitem as crianças usarem a imaginação, se expressando de diferentes maneiras, a visão dela de algo que vivenciou em algum momento, podendo fazer relação com o real e o fictício, suas vivências e o filme. A professora oportuniza um momento de autonomia, onde as crianças podem escolher os materiais a serem utilizados, o giz, lápis. Kaio teve liberdade para escolher como queria pintar e desenhar, se expressar através do desenho e isto lhe proporcionou momentos agradáveis demonstrando Nível 4 de bem-estar e envolvimento, apresentando-se concentrado na atividade, mesmo dialogando com os colegas sobre seu desenho em alguns momentos, sempre retornava de forma concentrada no que estava fazendo. Vê-se expressões verbais, gestuais, usa a imaginação, energia e concentração no momento da atividade.

Nota-se a importância do professor ter consciência que o desenho não deve ser trabalhado em sala apenas como uma atividade para passar o tempo, deve ter algum sentido e planejamento, desenvolver através deste, áreas diversas do desenvolvimento como a psicomotora das crianças, assim como sua forma de pensar, agir e de ver o que o rodeia e de expressar isso.

3.1.3 Bem-estar e Envolvimento de Maria e Empenhamento da professora

Observação 1– Rodinha

Data: 23/10/2013

Descrição do contexto:

A rodinha acontece no início da aula, se passa na sala de aula com as crianças sentadas em roda no chão logo abaixo do quadro. Total de crianças: 18. Entende-se **P**- professora, **M**-aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.

Episódio observado:

P: A professora pede para que façam a rodinha e conversa com as crianças sobre a amiguinha que hoje irá os visita-los. Alerta-os que quando ela chegar, precisam se comportar muito bem, se não ela ficará triste e irá embora.

M: eba! E como ela é tia?

P: vocês vão conhecer calma! Eu já vou lá busca-la. E vai abrindo o armário fazendo suspense ao retirar a boneca.

M: Ah não tia, para! Tira logo ela! Faz expressão de triste pela demora da professora.

P: A professora diz: calma gente ela está se arrumando, pra poder ver vocês bem bonita.

M: Sorri e diz. A tah! Olha pra colega e diz: será que ela é bem bonita mesmo?E sacode os braços e continua sorrindo, olhando para a professora com expressões de ansiedade.

P: Tchanranam!! E tira a fantoche de dentro do armário e fala como se fosse ela, da “vida” a fantoche em suas mãos. Oi criançaada!! Tudo bem com vocês?

M: heheheehe que bonita tia, sorri. E responde o fantoche: oi, tudo bem! E sorri muito. Me dá ela tia só um pouquinho.

Psq: diante da bagunça ocasionada, pelas crianças quererem pegar a boneca a professora os reclama.

P: Assim não dá crianças, ninguém vai poder pegar ela agora, depois eu deixo todo mundo pegar um pouco, mais agora vocês precisam ficar em silêncio para escutar o que ela vai falar para responder as perguntas. Entendido?

M: sim!

P: E continua a apresentação com o fantoche. Crianças eu vim aqui pra falar algumas coisas pra vocês tabom?

M: Tabom!

P: Então! Eu queria falar pra vocês serem bons alunos porque é muito bonito e legal quando as crianças obedecem a professora, a mamãe, o papai e as pessoas mais velhas não é mesmo?

M: *É, e eu não bagunço né! E lá em casa eu também obedeco tudinho.*

P: *Vamos ver né B, como você vai se comportar hoje.*

M: *Olha e sorri pra ela dizendo: eu vou tia, ficar quietinha, sorri, não tira seu olhar da fantoche e a pergunta: e qual é o seu nome?*

P: *O meu nome é Mariazinha.*

M: *Olha para a colega sorrindo e diz: ela chama Mariazinha, que nome bonito.*

P: *Gente eu vim aqui só pra ver vocês rapidinho, porque eu queria muito conhecer vocês, foi muito legal, eu prometo que vou vim ver vocês mais vezes e contar uma historinha bem legal, mais vai ser outro dia. Tchau gente beijos! A professora mexe a fantoche como se ela tivesse vida mesmo, suas mãos dão movimento a ela, mistura o faz de conta com o real.*

M: *Ah, não, fica mais. Tia deixa.*

P: *Depois ela vai vim mais gente, mais só se vocês ficarem comportados. Combinado?*

M: *Combinado!*

P: *A professora guarda o fantoche e diz que, se ficarem comportados deixará que eles a peguem um pouquinho para brincar antes de irem embora.*

M: *Eba! Eu vou ficar tia, pra brincar com a Mariazinha.*

P: *sim, depois eu vou deixar todos brincarem*

M: *diz: tabom, e faz expressão de triste pois queria pegar a fantoche, eu queria ela, é muito bonita, vou pedir minha mãe uma pra mim dizendo à sua colega.*

Análise e discussão da atividade:

Nessa situação a professora apresenta predominância de alto empenhamento, porém com algumas atitudes que caracterizam-se em não empenhamento, apresenta grau 5 de estimulação e 4 em relação a autonomia e sensibilidade no decorrer do episódio. Conforme argumentado por Laevers (2004), os altos níveis de envolvimento e bem-estar da criança, dependem de um conjunto de variáveis, como, o contexto, o espaço, os materiais, as atividades oferecidas e, a mais importante delas, o professor e a maneira como ele intervém no processo das atividades. Nota-se empenhamento da professora na forma como mediu a atividade, criando um contexto de suspense, despertando nas crianças sentimentos de curiosidade, de imaginação e interesse no objeto da atividade. Maria se mostrou com alto nível de bem-estar e envolvimento, com a atenção, energia, expectativas na atividade, manifestadas com expressões corporais, faciais e gestuais. Tal envolvimento foi consequente na forma de mediação da professora, que buscou estimular as crianças, trazer sua atenção misturando o real com o imaginário, com o faz de conta, pois, como professora conseguiu

desenvolver uma estratégia mediadora entre o real e o mundo imaginário do faz de conta, com estímulos, pela forma como manuseiou a fantoche, dando-a movimento, mudando sua entonação de voz para interpreta-la. A professora foi sensível, criou situações estimuladoras e com o fantoche fez surgir na sala um momento de diálogo, as crianças puderam expressar com liberdade e autonomia.

Contudo, seu empenhamento foi relativamente curto e até limitado, se considerada a sua não percepção que tinha ali uma situação propícia para o aprendizado pois havia, por parte das crianças empolgação e envolvimento. No momento o que houve foi apenas uma conversa rápida com as crianças, ignorando o momento de aprendizagem lúdica e envolvente. Perdeu a oportunidade para desenvolver estratégias de ensino que possibilitassem às crianças experimentar a atividade de uma forma lúdica ao mesmo tempo em que desenvolverem e aprenderem. Maria se mostrou triste, quando a professora encerrou a atividade com a fantoche, sendo desmotivada para permanecer naquele estado de envolvimento e bem-estar em que se encontrava, porém, Maria apresenta níveis elevados de bem-estar e envolvimento no decorrer de toda a atividade, em nível 5 até o encerramento desta que ocasiona a desestimulação mediante falta de empenho da professora em relação ao momento.

O fantoche é um recurso muito interessante para ser utilizado em sala, pois estimula o desenvolvimento da criança, e pode ser fonte de imaginação, desenvolver a criatividade, oralidade. Mas para isto precisa ser bem explorado desde ajudar o aluno a apreciar uma história, como permitir que cada uma das crianças possam tentar manipulá-lo e dar-lhe vida, ajudando-a a expressar sentimentos, ou ainda, a ter a oportunidade de vivenciar o real com o faz de conta. Tem todo o sentido a argumentação Piaget (1978), de que a aprendizagem significativa ocorre quando se considera o aluno como sujeito ativo, participativo do seu processo de aprendizagem. Por ser algo lúdico e que tende a encantar as crianças, o uso adequado do fantoche possibilitaria um alto nível de participação, podendo ser explorado não somente para se contar história. Pode ser inserido em situações das diversas áreas do conhecimento sendo um apoio estratégico para o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Observação 2 - Atividade livre – Brinquedo

Data: 23/10/2013

Descrição do contexto:

A atividade livre acontece em sala de aula, as crianças brincam sentadas em seus lugares, mais com autonomia para escolherem com quem querem brincar, podendo trocar de lugares. Total de crianças: 18. Entende-se **P**- professora, **M**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.

M: Oba! Eu quero a boneca, pra brincar de casinha.

P: Não quero briga pra pegar os brinquedos heim.

M: Eu não vou brigar tia. **M**, pega uma boneca e um sofá de brinquedo. Leva-os para sua mesa e começa a brincar com suas colegas. Elas brincam juntas montando uma casa com alguns brinquedos, e simulam o dia a dia das bonecas.

P: A professora fica em sua mesa arrumando as agendas das crianças e, ao mesmo tempo, as observa.

Psq: A professora deixa as crianças brincarem livremente, podendo trocar de mesas, unindo mais cadeiras, ela deixa que as crianças escolham com quem querem brincar, escolhem seus brinquedos e a forma como brincarão, a única regra imposta, é que não podem brincar no chão.

M: Começa a brigar com uma das colegas, porque ela quer ser a mãe da família e a colega também. As duas falam alto e com tom de nervoso “ eu que quero ser a mãe porque você é todo dia e se você não deixar eu não quero ser sua amiga e faz cara de triste.” A sua colega responde: mas não é todo dia que eu sou mãe não, é só hoje, e eu não quero ser a filha e faz cara de triste também.

P: A professora diz às meninas: o que é isso aí meninas, não acredito que estão brigando.

M: É ela tia que não quer deixar eu ser a mãe, todo dia ela quer ser a mãe e não me deixa.

P: A professora se levanta e vai até as meninas e diz: vocês são tão amigas, não é legal ficar brigando, ainda mais por isso.

M: Mais é ela tia, que não deixa.

P: Então vamos resolver isso. Quem são as pessoas que agente tem na família?

M: diz: é a mãe, a filha, pai e a irmã tia.

P: Hum! Vocês lembram que aquele dia conversamos sobre a família aqui na sala.

M: Sim

P: Então meninas, agente não falou que tem um monte de família diferente uma da outra que não é só pai, mãe e filhos, que são uma família. Porque vocês não criam outros personagens pra família.

M: Ah tia, mais sem a mãe?

P: Não, pode ter a mãe sim. Vamos fazer assim, cada uma de vocês vão pensar na pessoa da família que vocês gostam muito, sem ser pai e a mãe. E pergunta a todas quem é.

M: Mais eu gosto de um monte de gente tia.

P: Eu sei M, mais escolhe só uma dessas pessoas.

M: Hum, então eu vou escolher a minha tia porque ela é muito, muito legal.

P: Que legal heim, B você então vai brincar como se você fosse a tia bem legal dessa família aqui beleza?.

M: Sorri e diz: viu tia e eu vou imitar a minha tia, ela fazendo as coisas. Sorrindo, demonstra contentamento e entusiasmo.

P: Pronto né meninas, estão vendo como tem jeito pra resolver as coisas, não precisam ficar brigando por tudo, se não esta legal vocês procuram outro jeito de brincar, tem que usar a imaginação.

M: Apenas a olha com um sorriso no rosto e volta a brincar.

P: Agora podem brincar com a sua família, e não quero ver vocês brigando de novo heim mocinhas. A professora retorna para sua mesa e as meninas brincam e se divertem com a família que criaram.

M: brinca contente, concentrada com as amigas no mundo de faz de conta que elas criaram. Se mostra motivada e brinca com energia e imaginação.

Análise e discussão da atividade:

Percebe-se a predominância de empenhamento da professora no episódio observado apresentando grau 5 de empenho. A professora Estimulou e promoveu espaços para a formação da autonomia das crianças, pela possibilidade delas escollerem os brinquedos que querem brincar, assim como, do que querem brincar, podendo, ainda, trocar de mesa, e de brinquedos. Percebeu um contexto onde as crianças ficarão à vontade, tendo oportunidade e condições para usarem a imaginação por meio da brincadeira, criando, de forma prazerosa e envolvente.

No episódio em que Maria e suas colegas começam a brigar, a professora demonstra sinais de sensibilidade, escuta sensível, e incentivo para que elas resolvessem o conflito, buscando a melhor estratégia para mediá-lo, ela não pede para que encerrem a discussão, vai até a mesa e inicia um diálogo. Com calma, ela conversa com as meninas e ajuda-as a que

juntas chegassem a um consenso sobre o conflito dos personagens da brincadeira aos quais brigavam. Em sua mediação, nada foi imposto. Com criatividade, retomou tema e situação já trabalhada e apresentou novas possibilidades de escolherem os personagens da brincadeira, incentivando a usarem a imaginação, a relacionarem o real com o faz de conta, deixando a brincadeira mais divertida e envolvente. A solução do conflito entre elas deu-se de forma coletiva e com participação ativa das duas crianças. Nesse caso específico o problema surgido adquire novo sentido quando as crianças buscaram soluções juntas e houve uma delas que cedeu ao antes exigido. Não foi uma situação de se “aplicar” o que já se sabia, mais sim a criação de possibilidades de produção de novos conhecimentos a partir dos que já se tem e em interação com novos desafios.

Maria demonstrou alto nível de bem-estar e envolvimento, apresentado pelo nível 5 nestes. A complexidade e a criatividade foram visíveis nessa brincadeira, em que experienciou o faz de conta e a realidade. Maria estava visivelmente absorvida na brincadeira, concentrada, confortável, demonstrando energia, contentamento e muita criatividade.

Como nos alerta Zabalza, ao professor deve ser um encorajador para a iniciativa própria do estudante, um mediador da construção do conhecimento, pois é ele quem cria situações de interação entre a criança, o meio, os colegas, buscando encorajar e desafiá-los a conhecer o novo, a interagir com novas possibilidades de aprendizagem, a resolver conflitos e situações novas. Dessa forma compete fazer sua mediação de maneira que as qualidades dos alunos sejam potencializadas e suas dificuldades acompanhadas e trabalhadas da forma que possam ser sujeitos ativos desse processo, aprendendo a resolver conflitos.

Observação 3 - Atividade dirigida - Letra “M”**Data:** 23/10/2013**Descrição do contexto:**

A atividade dirigida acontece em sala de aula com as crianças sentadas em seus lugares. A professora explica a atividade, lê o texto contido na mesma e entrega um pote com lápis de escrever e de cores para fazerem a atividade. Total de crianças: 18. Entende-se **P**- professora, **M**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.

Episódio observado:

P: A professora mostra a atividade para as crianças apontando o que, e como deve ser feita. Lê o pequeno texto da atividade que fala sobre uma menina que se chama maria e que adora comer maria mole. Mudando a entonação da voz, a professora lê interpretando o texto, o deixando mais envolvente. Na atividade tem desenhos para colorir de maria comendo maria mole e um espaço para escreverem a letra M, e irão pintar as letras M que aparecem no texto.

M: Sorri quando a professora lê, Maria adora comer maria mole.

P: Ao terminar de ler a professora pergunta quem já havia comido maria mole.

M: Responde: eu tia! E é bem gostosa, molinha, minha mãe compra direto pra mim.

P: Que legal né, só não pode esquecer de escovar os dentes depois que come né.

M: É tia, eu sempre escovo porque eu como também depois do almoço, minha mãe só deixa comer se almoçar.

P: Muito bem M. Agora vamos fazer nossa atividade né. A professora entrega a atividade para as crianças começarem.

M: Faz a atividade corretamente, com calma, se mostra atenta, demonstra energia e expressões faciais, assim como verbalizações.

P: A professora caminha pela sala olhando como estão fazendo a atividade. Ela percebe que M não escreve o nome completo dela e diz: M, porque você não escreve o seu nome completo? Eu não já te ensinei que tem que escrever completo pra você aprender direito?

M: Mais eu não sei tia, deixa assim mesmo.

P: Sabe sim M, você está com preguiça né não? Precisa escrever seu nome todo pra aprender rápido, você sabe sim, não é difícil, se você ficar escrevendo só o primeiro nome você nunca irá aprender, por isso a tia pede pra escrever completo. Já pensou você sabendo escrever seu nome todo sem precisar copiar, olha que legal.

M: Ela sorri e diz: e eu vou aprender tia.

P: Vai sim, mais pra isso tem que escrever né. Cadê a ficha que eu fiz com seu nome pra você poder copiar?

M: eu não sei.

P: Eu fiz pra vocês deixarem dentro da agenda pra quando precisar. Tem que ter mais cuidado com suas coisas M. A ficha é importante pra ajudar você a escrever seu nome.

M: Depois eu vou achar tia.

P: Vê se não deixou na sua casa, se achar guarde na agenda. Gente! A ficha de vocês é para ser deixada na agenda, se usarem em casa precisam guardar viu, eu não vou ficar fazendo outra toda vez que vocês perderem não, tem que ter cuidado tabom?

M: Viu tia, eu vou ver.

P: A professora escreve o nome de M com a letra pequena em um papelzinho cumprido e cola no lápis dela. Foi uma estratégia realizada no momento e que deu resultado, e a qual ela fará para toda a turma. Segundo a professora, como os lápis de escrever ficam na escola seria mais fácil eles não perderem. Ela entrega o lápis com nome para B e as outras crianças reclamam que também querem. Ela explica que depois fará para todos, que estava entregando o lápis com nome apenas para B, porque ela estava sem a ficha com o nome dela.

M: Recebe o lápis e diz: que legal tia, olha para a colega e diz: a tia fez meu nome no lápis, e sorri.

P: Legal né! Então escreva seu nome completo B, sem preguiça porque você sabe, e precisa treinar para aprender a escrever sem olhar.

M: Tabom! e volta a fazer a atividade. Ela capricha no desenho, tem paciência e muita calma, ela faz a atividade toda para depois ficar só com os desenhos pintando. Conversa com sua colega sobre as cores que pinta o desenho. A colega diz: " não é essa cor que pinta a menina, tem que ser bege que é cor de pele, esse aqui olha" M responde: mais não é só essa cor que pode pintar, porque tem gente que não é dessa cor não é tia?

P: O que M?

M: Não é que nós podemos pintar de outra cor as pessoas no desenho, não é so de bege, porque tem gente de toda cor.

P: Isso mesmo M, pode pintar a menina com outras cores além do bege, tem gente branca, morena clara, escura, negra, pode pintar da cor que você quer que ela seja.

M: Ta vendo, eu não falei. Diz M à sua amiga, que não a responde nada, fazendo uma expressão de "tô nem aí".

R: Faz a atividade e começa a pintar os desenhos, ela demora um pouco pintando, e a professora chama sua atenção.

P: B, todo mundo já está terminando e você ainda está ai pintando, precisa se apressar, daqui a pouco vamos para quadra e você vai ter ficar aqui terminando.

M: Não tia, já estou terminando, rapidinho viu.

P: É ne! Vamos ver se é rapidinho mesmo.

M: Se apressa para terminar mais rápido. Terminando ela leva a atividade para a professora dizendo: Tia terminei, ta certo assim?

P: Deixa eu ver. Está sim, certinho M, muito bem, ficou ótima, o desenho está colorido, que bonito.

M: Sorri para a professora.

P: Esta vendo M como você sabe escrever seu nome completo, precisa treinar, escrever em todas atividades o nome completo, porque assim você vai decorar e aprender. Não pode ter preguiça em mocinha, para pintar você não tem né, só pra escrever seu nome. M sorri novamente e diz: tabom tia eu não vou ter não.

P: Muito bem!

Análise e discussão da atividade:

Nota-se a todo momento no episódio, a predominância de empenho da professora, apresentando grau 5 de empenho em relação as características de sensibilidade, autonomia e estimulação. Primeiramente no momento em que lê o texto entonando a voz de acordo com a leitura, propiciando um momento atrativo, que chame a atenção das crianças, bem como um espaço de liberdade, de diálogo e promoção da autonomia das crianças. A professora observa as crianças e se mostra sensível em perceber as dificuldades de Maria em escrever seu nome todo. Conversa com Maria para que entenda a importância de aprender escrever seu nome completo, de forma atenciosa, sensível, escuta a criança, dialogam, assim como utiliza estratégias de ensino elaboradas a partir da dificuldade apresentada pela criança.. Nota-se estímulos e o reforço positivo na intenção de que Maria perceba sua capacidade de aprender, e se desenvolver.

Segundo Sousa (1998), a qualidade na Educação Infantil almeja satisfazer as necessidades e interesses das crianças e envolvê-las cognitivamente e afetivamente, cada vez mais, como seu processo educativo. E ainda seduzi-las com o desafio do aprender-a-aprender, ampliando progressivamente seus horizontes de possibilidades, desejos, aspirações e realizações. O empenho da professora em ajudar que Maria supere suas dificuldades, a encorajá-la, fazendo com que se insira no processo de sua aprendizagem ativamente faz com que Maria se sinta em um estado de bem-estar e envolvimento em nível 4 considerado satisfatório. A prática de um professor requer desafios, assim como muita criatividade para criar e reinventar possibilidades que favoreçam a aprendizagem da criança, essas características evidenciadas na prática da professora observada evidencia que a mesma dispõe de nível elevado de empenhamento.

3.1.4 Bem-Estar e Envolvimento da aluna Rafaela e do Empenhamento da professora

Observação 1 – Rodinha

Data: 24/10/2013

Descrição do contexto:

*A rodinha acontece na sala de aula, com as crianças sentadas no chão em círculo, abaixo do quadro negro. Total de crianças: 19. Entende-se **P**- professora, **R**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.*

Episódio observado:

P: *A professora pede para que as crianças se sentem no chão fazendo a rodinha dizendo: Gente vamos fazer uma rodinha, hoje a tia vai conversar com vocês. Todos os dias nós começamos a aula com a rodinha, mais fazemos várias coisas aqui, então hoje eu vou fazer uma votação com vocês pra gente escolher juntos o que nós iremos fazer na rodinha. Tabom?*

R: *Corre para a rodinha, e se senta dizendo: iiii hoje agente vai fazer o que quiser, eba! Dizendo e sorrindo para colega ao lado.*

P: *Vamos então começar neh! Eu vou falar as nossas possibilidades, o que agente pode fazer, mais para isso, vocês tem que me escutar primeiro e depois conversamos, Ok?*

R: *ok*

P: *Olha, nós podemos fazer na rodinha várias coisas como: só cantar, cantar e dançar, conversar sobre algum assunto que vocês queiram, fazer uma brincadeira ou uma atividade diferente.*

R: *Vamos cantar tia, cantar, cantar.*

P: *Calma gente não é assim, eu não disse que era para fazer a votação. A votação é feita levantando a mão quando a tia pedir, eu falo o nome da atividade e quem quiser fazer ela levanta mão, e quem não quiser. A atividade que tiver mais votos será a ganhadora, beleza?*

R: *Beleza tia! Sorrindo diz a amiga: agente só levanta na hora que for pra dançar viu.*

P: *Vou começar em, quem quer fazer uma atividade diferente na rodinha?*

R: *A não, não quero!*

P: *É só não levantar a mão R. Agora quem quer fazer uma brincadeira na rodinha?*

R: *Não levanta a mão, faz gestos faciais como resposta negativa.*

P: *E quem quer cantar na rodinha?*

R: *Levanta a mão e diz: eu quero tia, eu quero!*

P: *só cantar R? e ela responde: não tia tem que dançar também ué, e sorri.*

P: Então quem quer cantar e dançar na rodinha?

R: Eu, eu , eu tia, e levanta a mão sorrindo com expressão de contentamento e empolgação.

P: hehehe, vocês gostam né de cantar e dançar. Mais gente não quero bagunça, vamos cantar sem gritar, não precisa ficar gritando, pois, música se canta e não se grita, beleza?

R: Beleza!

P: Vamos então cantar a música do peixinho do fundo do mar alguém se lembra?

R: Sim tia, eba! vamos dançar, la la! e começa a cantar a música do peixinho: “se eu fosse um peixinho [...]”

P: Calma B, vamos ficar em pé e fazer a rodinha. E começa a cantar.

R: Segura na mão dos colegas fazendo a rodinha e começa a cantar.

Psq: No decorrer da rodinha B se mostra envolvida, atenta, sempre sorrindo, apresenta momentos de conforto e descontração, interage na atividade com muita energia.

R: A professora vai cantando e estimulando a curiosidade das crianças pra saberem quem ser o próximo peixinho a entrar no mar. Vamos peixinhos, todo mundo nadando, e mostra como seria esse nado, o interpretando, balançando o corpo como se estivesse sendo o peixe.

R: Sorrindo diz: olha a tia como dança, tia deixa eu ser agora tia! Ainda não fui.

P: A professora cantando a escuta e então a coloca dentro da roda pra ser um dos peixinhs do fundo do mar. “Se eu fosse o peixinho e soubesse nadar eu colocava a Rafaela no fundo do mar.”

R: Sorrindo, balança o vestido, se expressa corporalmente, balança as mãos, se apresenta muito contagiada e envolvida no episódio.

P: A professora se apresenta contente, dança e canta sorrindo, demonstra empenho e carinho em conduzir a atividade, com estímulos diversos.

Análise e discussão da atividade:

Percebe-se predominância de elevado nível de empenhamento por parte da professora, apresentando pelo nível 5 em relação as características de sensibilida, estimulação e autonomia. A professora inicia a aula pedindo aas crianças que façam rodinha, mais não determina o que irão fazer, conversa com eles dizendo que terão diversas opções para escolherem a partir de uma votação coletiva. A professora proporciona um ambiente de liberdade de escolhas, onde as crianças possam se expressar com autonomia, expondo suas opiniões. Como nos coloca Leavers (2004), os professores precisam planejar sua prática visando a promoção de possibilidades para a formação de crianças ativas, que se expressem, participem ativamente das atividades, com experiências que lhes permitam viver o imaginário, o professor deve propiciar esses momentos aos alunos, dando a eles autonomia para mudarem

uma música, um final de uma história, dar aos alunos oportunidades de construir e reconstruir sempre, de se sentirem bem e envolvidos.

Nota-se sensibilidade em escutar e acolher as opiniões de cada criança, a professora as incentiva a expor suas ideias, emoções, a participarem ativamente do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, fazendo com que se sintam personagem e produtores deste processo. Rafaela apresenta-se em nível 5 de bem-estar e envolvimento, caracterizado como o nível mais elevado, apresentando características de atenção, alegria, energia disposta na atividade, participa ativamente. Entendemos que a educação de qualidade pressupõe um contexto em que a criança consiga alcançar um sentimento de bem-estar por um tempo maior e ao mesmo tempo se mantém envolvida na medida em que experiencia as coisas que está aprendendo. Cabe ao professor planejar estratégias para que as atividades contemplem o desenvolvimento e aprendizagem prazerosa e significativa das crianças.

Observação 2 - Atividade dirigida- Matemática

Data: 24/10/2013

Descrição do contexto:

*A atividade dirigida acontece em sala de aula, com as crianças sentadas em seus lugares. A professora explica como deve ser feito a atividade e a entrega aos. Total de crianças: 19. Entende-se **P**- professora, **R**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.*

Episódio observado:

***P:** Crianças, hoje vamos fazer uma atividade bem legal. Olhem aqui para mim! Hoje é uma atividade de matemática, onde vocês terão que contar as bolinhas (aponta na folha com o dedo, mostrando para a turma)estão vendo? E depois vão ligar elas ao número correto que elas representam. Entenderam?*

***R:** Sim, e agente pode pintar tia?*

***P:** Então, primeiro nós iremos contar as bolinhas e liga-la ao número, depois vocês podem pintar os desenhos que tem na atividade.*

***R:** Oba! eu adoro pintar tia, vou fazer bem colorido para ficar bonito.*

***P:** Isso mesmo B, quero só ver em. Mais pessoal, estão vendo as bolinhas que nós vamos contar?(e os mostra na folha)*

***R:** sim.*

P: Pois eh, elas agente não vai pintar.

R: A não tia, porque?

P: Porque nós vamos fazer bolinhas com outro papel e colar, não acham que ficam mais legal?

P: Vão sim, mais não quero ninguém fazendo melega com a cola não, ouviram. Nem passar na roupa e nem colocar na boca, se não vai ficar sem colar beleza?

R: Ta tia, eu não vou fazer isso.

Psq: A professora inicia a atividade, as entrega e primeiro dá o lápis de escrever para que façam a atividade, pois muitas crianças segundo ela, pintam primeiro e depois não querem fazer por preguiça. A professora fica dando voltas na sala para ver se estão fazendo corretamente.

R: Faz a atividade e ao mesmo tempo conversa com a colega, se mostra atenta, porém com momentos de grande dispersão, conversa com a colega sobre a brincadeira que vai fazer no recreio.(não consegui anotar as falas pelo barulho).

P: A professora a reclama, R, pare de conversar e termine sua atividade.

R: Apenas olha para a professora, para de conversar e volta a fazer a atividade, a termina com facilidade, antes mesmo da maioria das crianças e pede o lápis de cor e as bolinhas para a professora. Tia, terminei me dá o lápis e as bolinhas p colar?

R: Obaa tia, e ai agente vai ganhar cola para colar né.

P: Entrega os lápis de cor e o papel para R, para que faça as bolinhas e cole-as.

R: Primeiro pinta todos os desenhos com muita atenção, é detalhista e caprichosa. Diz a colega: olha que lindo que o meu está, colorido e sorri. A colega responde: o meu também tá. R a olha com expressão de “não estou nem ai” e retorna a fazer sua atividade. Passa para as bolinhas enrolando-as, fazendo e colando uma por uma em meio a brincadeira com a cola .

P: A professora vê e pede para que ela faça todas as bolinhas primeiro e depois cole tudo de uma só vez para não fazer bagunça.

R: tá tia, mais nem estou fazendo não. R enrola as bolinhas e ao mesmo tempo pega a cola para olhar, a destampa e coloca na mão gotas para brincar. Se mostra com uma postura neutra, sem muitos sinais de bem-estar e envolvimento.

P: A professora permanece em sua mesa mexendo nas agendas das crianças, as vezes olha para a turma, mais permanece em sua cadeira, sempre as responde de longe, tendo que por vezes alterar a voz para que entendam o que ela diz.

R: Cola as bolinhas e ao mesmo tempo brinca com a cola, sem que a professora percebesse, e assim ela permanece até terminar a atividade e entrega-la. Apresenta-se confortável, com atenção no que faz, porém sua energia é dividida entre fazer a atividade e brincar com a cola e a própria atividade.

Análise e discussão da atividade:

Nota-se predominância de empenhamento da professora, porém, também visíveis atitudes de falta de empenhamento, apresentando nível 3 de autonomia e 2 sobre as características de estimulação e sensibilidade. A professora media a atividade proporcionando as crianças oportunidade para que exponham seus sentimentos, um momento aberto a diálogos, e que propicia a autonomia das crianças, fazendo com que participem, se sintam a vontade para se expressarem. No decorrer da atividade nota-se atitudes de falta de empenhamento da professora, ela os observa por um momento e em seguida deixa que façam a atividade a vontade, sem nenhuma mediação. A atividade apresenta-se muito fácil para R, onde não demonstra necessidade de apoio da professora, dessa forma a professora promove um momento de autonomia para as crianças em realizar a atividade. Porém, esta não lhes garante uma aprendizagem significativa, pois, Rafaela faz a atividade com facilidade, não foi instigada a pensar, a agir sobre o que ela já sabia, para então aprender a aprender algo novo, pois, as atividades devem ser planejadas de acordo com as necessidades das crianças, visando seu pleno desenvolvimento.

Segundo Laevers (1994), as crianças quando se envolvem estão tendo uma experiência de aprendizagem profunda, motivada, intensa e duradoura. Rafaela desta forma acaba por se distrair facilmente, intercala o fazer da atividade com o conversar com a colega e brincar com a cola, apresentando um nível de bem-estar neutro, caracterizado pelo nível 3, sendo este representado por sinais moderados de bem-estar e envolvimento. Isso pode ser explicado pelo motivo da atividade ser muito fácil, não estar adequada as necessidades e potencialidades das crianças.

Observação 3 - Atividade livre – Parquinho

Data: 24/10/2013

Descrição do contexto:

A atividade acontece no parquinho, o mesmo tem vários brinquedos diferentes, o chão é de terra e possui um lavatório de mãos comprido de 4 torneiras. Total de crianças:32. Entende-se **P**- professora, **R**- aluno observado, **Psq** - pesquisadora e [...] - continuação do episódio.

Episódio observado:

P: A professora leva a turma para o parquinho. E diz: Gente podem tirar as sandálias, os sapatos, so não pode esquecer aqui depois viu.

R: Tabom tia, e diz a colega ao lado: Eu vou tirar a minha e colocar aqui pra não sumir neh.

Psq: No parquinho já havia uma turma de cerca de 13 crianças do primeiro período. A professora estava sentada em uma cadeira.

P: A professora também leva uma cadeira para o parquinho e se sentam juntas iniciando uma conversa. Nota-se que a professora não presta atenção nas crianças, ela deixa que eles brinquem a vontade e da forma que quiserem. Não se percebe nenhum cuidado em observar o que e como elas estão brincando.

R: Fica brincando de fazer bolos na terra com uma amiga, ela havia levado uma garrafinha de água para o parque e a utiliza para pegar água na torneira. Ela brinca e conversa com a amiga a todo momento: Olha aqui Ana, esse bolo é de chocolate, mais tem que fazer um de morango também né, para a festa ficar bem boa,cheia de bolo gostoso. A amiga responde: Agente podia fazer brigadeiro né R? e ela responde: é mesmo então vamos.

Psq: R então vai pegar mais água na torneira e volta pra fazer os brigadeiros.

R: Permanece em todos os momento do parque, brincando com esta colega no canto do muro do parquinho, ela apresenta expressões corporais e facias de contentamento, se mostra atenta no que faz, e em um estado de bem-estar.

P: A professora permanece conversando com a outra professora, ela apenas olha algumas vezes, superficialmente sobre o campo de visão que tinha do parque, demonstrando um comportamento de falta de empenho.

Análise e discussão da atividade:

Percebe-se a predominância de falta de empenho pela professora no episódio observado. A professora apresenta nível 3 de autonomia e 2 de sensibilidade, estimulação no decorrer do episódio. Ela dá liberdade para que as crianças brinquem a vontade, livremente, com autonomia, porém, nota-se que esta atitude transforma a atividade em um momento de

passar o tempo, apenas para que a professora não tenha o trabalho de mediá-la, pois ela permanece o tempo todo sentada conversando com sua colega de trabalho. A atividade foi conduzida como algo para passar o tempo, apenas como um momento de brincadeira para as crianças, como brincam em casa, não havendo a preocupação do cuidado das crianças, pois ficam totalmente livres, sem nenhum apoio ou monitoramento. Percebe-se que mesmo com a falta de empenho da professora, Rafaela apresenta-se em nível 5 de bem-estar e em nível 4 de envolvimento. Estando concentrada, se expressando oralmente, corporalmente, se envolvendo com intensidade em todo o momento da atividade com muita energia.

O parquinho favorece o desenvolvimento de habilidades motoras, permitindo à criança ir descobrindo a dimensão das suas capacidades reais, ao mesmo tempo em que vai permitir o aperfeiçoamento das habilidades sociais e a comunicação, é um espaço de liberdade aonde pode brincar com autonomia, criando, imaginando, inventando suas regras e interagindo com outras crianças. Neste sentido, a interação com o outro torna-se uma maneira privilegiada de aprendizagem na brincadeira, à medida que a criança, ao se relacionar com seus pares, comunica-se na troca de experiências, constrói relações reais entre elas, elabora regras de organização e convivência, e estabelece um espaço para interpretação.

CAPITULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas foi possível perceber que em todas as atividades, desde a menos, a mais estruturada, nota-se nas crianças características de bem-estar e envolvimento, variando somente a intensidade destes. Porém, observa-se que os níveis de bem-estar e envolvimento apresenta-se mais elevados em atividades em que as crianças gostam mais, como nas atividades livres e as rodinhas, na qual trabalhou-se diferentes propostas sempre mediadas adequadamente. Nas atividades dirigidas, percebeu-se falta de empenhamento da professora, ausência de mediação adequada as necessidades apresentadas pelas crianças.

Nas atividades livres, notou-se falta de empenhamento da professora em relação a mediação nesses momentos, pois, a professora promove espaços de liberdade, para que as crianças fiquem a vontade, apenas estabelece regras em alguns momentos para que haja organização na atividade. Nota-se atitudes de empenho, porém com predominância da falta dele. As crianças possuem autonomia e liberdade para realizar as atividades livres, fato que estimula a participação ativa das crianças, pois, podem criar, imaginar, desfrutando com prazer, relacionando o real com o faz de conta, fazendo com que se sintam bem e envolvidas. A professora aborda a atividade livre como um momento de passar o tempo, onde as crianças irão se entreter com a atividade proposta sem necessitar de mediação, apenas intervém, em momentos de conflito ou solicitação das crianças, do contrário, ela se apresenta ausente desse momento, e dessa forma, mesmo sem o empenho totalmente satisfatório da professora nessas atividades, as crianças conseguem alcançar níveis elevados de bem-estar e envolvimento, pois possuem total liberdade e autonomia para experienciá-la. A professora ignora o fato da brincadeira livre apesar de ser um momento lúdico, se apresenta um recurso essencial e facilitador para a criação estratégias estimulantes e inovadoras que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem significativa das crianças. Torna-se pertinente destacar que, ainda que os momentos observados sejam de brincadeira livre, o professor é um mediador e deve estar atento a seus alunos, inclusive em momentos de brincadeiras, pois pode em momentos oportunos criar estratégias para favorecer o envolvimento da criança e seu desenvolvimento. Na atividade livre, a atividade predominante realizada foi a brincadeira.

Em relação a esta, o referencial curricular para a educação infantil ressalta que: O brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como, atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998).

Portanto atentar-se ao envolvimento das crianças na brincadeira livre torna-se relevante, especialmente quando se tem consciência do seu valor do desenvolvimento da criança.

De acordo com Almeida (2005), a brincadeira caracteriza-se por alguma estruturação e pela utilização de regras muitas vezes criadas pelas próprias crianças. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças

Assim como na atividade livre, o momento da rodinha também obteve-se níveis elevados de bem-estar e envolvimento por parte de todas as crianças observadas. Nota-se que a professora apresenta predominância de elevados níveis de empenhamento em todo o decorrer da rodinha. Atitudes essas que oportunizaram as crianças um ambiente de autonomia e liberdade para se expressarem, um momento de escuta e falas, de promoção de respeito entre a fala, as ideias, os sentimentos do outro, sendo mediada de forma que as crianças se sintam motivadas em participar ativamente desse processo de construção de seu desenvolvimento e aprendizagem, fatores esses alcançados em decorrência da mediação de forma adequada da professora, que oportunizou as todas as crianças observadas a presença de níveis elevados de bem-estar e envolvimento.

Segundo (Silva 2010), a hora da rodinha oportuniza, sobretudo, a construção de conhecimentos e a multiplicidade de respostas e variáveis, deve ser mediada, explorada da melhor forma, aproveitando as contribuições das crianças a favor de sua aprendizagem, colocando desafios, questionamentos as crianças, as fazendo pensar e interagir significativamente na atividade.

A professora oportunizou diversificados momentos e contextos dentro da rodinha, oportunizando diferentes experiências as crianças, não sendo abordada apenas como um momento de diálogos. O envolvimento está diretamente relacionado a forma como a criança experiencia as atividades em se contexto, quando a criança encontra-se envolvida, o professor pode perceber que sua prática pedagógica está adequada e consequentemente está ajudando de forma significativa no desenvolvimento do seu aluno.

A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se na roda, contar fatos às crianças, descrever ações e promover uma aproximação com os aspectos mais formais da linguagem por meio de situações, como ler e contar histórias, cantar ou entoar canções, declamar poesias, dizer parlendas, textos de brincadeiras infantis, etc (BRASIL, 1998).

Nas atividades dirigidas, consideradas a mais estruturada, a professora apresenta a predominância de falta de empenhamento, porém, com atitudes de empenho. Segundo (Laevers 2004) o envolvimento da criança ocorre quando há uma busca exploratória o interesse intrínseco em descobrir como funcionam as coisas e as pessoas e a necessidade de compreender melhor a realidade. As atividades apresentadas tinham propostas interessantes porém não executadas da melhor forma, a professora apesar de em alguns momentos se empenhar em estimular, escutar as crianças assim como dar-lhes autonomia, no geral não atende a um nível de empenho satisfatório. Nota-se ausência de mediação adequada, aonde dava autonomia as crianças em fazer as atividades sem muito monitoramento, como se elas já soubessem de tudo, e dessa forma muitas faziam de forma incorreta sendo prejudicada em sua aprendizagem, assim como atividades fáceis demais, fazendo com que a criança não se sentisse estimulada nem chegasse a um nível de desenvolvimento do seu processo de aprendizagem fazendo com que não obtivessem níveis muito elevados de bem-estar e envolvimento. Neste sentido, Formosinho (2004) reforça tal ideia de que, quando a criança não se encontra envolvida, a professora deve refletir sobre sua prática pedagógica, pois as atividades propostas podem estar ou muito fáceis, ou muito difíceis, ou podem não fazer sentido para aquela criança.

O fato é que o envolvimento e o bem-estar não são algo simples de serem alcançados, mais nota-se que estes podem ser elementos de base para que o professor possa analisar sua prática, apesar de ser uma tarefa desafiadora, se torna necessário que professor reflita sobre

sua prática. Segundo (Silva 2010), existem alguns aspectos que devem ser contemplados no contexto educativo pelo professor que busca aperfeiçoar sua prática, se empenhando em prol de uma educação de qualidade na qual propicie as crianças momentos de envolvimento e bem-estar, como: A maneira como se organiza o ambiente, a formação continuada do professor, sua atuação em sala de aula, a forma de transmitir os conteúdos necessários as crianças de maneira envolvente, atraente, que chame a atenção da criança de querer ir além, de questionar, desenvolvendo suas potencialidades, assim como a forma como os materiais são apresentados, perceber o que faz a criança se interessar. Pois a forma como as crianças irão experimentar e vivenciar estas atividades é que fazem toda a diferença, e dessa forma com certeza, o professor estará realizando uma atuação de qualidade.

As atividades dirigidas possibilitam que as crianças trabalhem com diversos conhecimentos. Porém o professor é detentor de conhecimento, mais é ao mesmo tempo um aprendiz e um mediador. Os baixos níveis de bem-estar e envolvimento das crianças podem ser barreiras para que ela tenha maiores níveis de envolvimento, cabendo ao professor estar atento as essas singularidades das crianças, podendo intervir de maneira a proporcionar maior bem-estar, fazendo com que a criança se sinta bem para poder aprender e desenvolver-se, se envolvendo e tendo uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, o professor é mediador entre as crianças e os objetivos de conhecimento, organizando e proporcionando espaços e situações de aprendizagens que articulam os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, na pessoa mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas (BRASIL, 1998).

CONCLUSÃO

Conclui-se que a análise do empenhamento da professora se caracterizou como fundamental, para se medir a qualidade das mediações das aprendizagens por ela oferecida. Notou-se que, os variados níveis de envolvimento e bem-estar, apresentados pelas crianças estão diretamente relacionados ao grau de empenhamento apresentado pela professora nas atividades. Dessa forma, quanto maior o grau de empenho da professora, maior foram os níveis de bem-estar e envolvimento apresentados pelas crianças.

Podemos perceber através das análises que o envolvimento e o bem-estar não são algo simples de serem alcançados, mais nota-se que estes podem ser elementos de base para que o professor possa analisar sua prática, apesar de ser uma tarefa desafiadora, se torna necessário que professor reflita sobre sua prática, esteja sempre atento e disposto a se avaliar, realizar observações da turma, analisar e buscar entender quais as necessidade e singularidades da turma, perceber os pontos negativos e positivos, identificar assim o que possa estar prejudicando ou melhorando o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, e dessa forma reestruturar sua prática buscando novas propostas educativas que as contemplem tanto individual como coletivamente, numa perspectiva da qualidade da educação infantil por ele oferecida.

PARTE III

PERSPECTIVAS FUTURAS

PERSPECTIVAS FUTURAS

Finalizo este trabalho como apenas mais uma etapa concluída, o da graduação. Não pretendo apenas ter em mãos um diploma, pois tenho muito interesse em seguir minha vida trabalhando com educação infantil. Diante do estágio como auxiliar que já realizei na área e os projetos realizados no curso, tenho a plena certeza de que quero seguir minha profissão e pretendo fazê-la da melhor forma possível, colocando em prática todos os conhecimentos que adquiri até o momento, todas as experiências vividas que me tornaram uma profissional melhor, atuando em prol de uma educação de qualidade.

Tenho planos de continuar minha formação acadêmica na pós-graduação, ainda não tenho em mente onde nem quando de fato, preciso refletir sobre uma nova etapa da minha vida para seguir em frente, em decorrência da minha família não residir em Brasília tenho vontade de voltar para Minas Gerais, trabalhar mais próximos deles, porém Brasília é um local com muitas oportunidades, as quais eu não posso descartar, farei o concurso no fim de 2013 da Secretaria de educação para educação básica, são muitas as possibilidades. Sendo assim tenho escolhas a fazer, e muito que refletir. A certeza que tenho é que eu quero atuar em sala de aula e em especial no segmento da educação infantil.

Sei que vou ser excelente profissional, que a cada dia de luta eu possa me renovar e contribuir significativamente para a educação do meu país. Espero que este trabalho traga contribuições, acrescente algo aos colegas que tiverem acesso a ela, e que eu como futura profissional consiga fazer a diferença onde quer que eu esteja atuando, educando, aprendendo, me renovando e buscando ser melhor cada dia.

REFERÊNCIAS

- BIANCHETTI, Roberto Gerardo. *Educação de qualidade: um dos dilemas fundamentais para a definição das políticas educativas*. Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro; 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462008000200003>> acesso em 03 de setembro de 2013.
- BRASIL, MEC, SEB, DPE, COEDI. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica/DPE/COEDI, 2005.
- BRASIL, MEC, SEB. *Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- CORRÊA, Bianca Cristina. *Considerações sobre qualidade na educação infantil*. Caderno de Pesquisa. São Paulo: 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000200005>> acesso em 06 de setembro de 2013.
- DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. *A qualidade da educação: perspectivas e desafios*. Caderno Cerde, Campinas. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622009000200004>> acesso em 03 de setembro de 2013.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GALVÃO, Afonso. Artigo: *Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100008. Acesso em novembro de 2013.
- GONÇALVES, Leticia. *Bem-estar, envolvimento e empenhamento do adulto: Diálogo com mães de bebês*. Brasília, 2013. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOHMANN, M & WEIKART, D. *Educar a criança*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LAEVERS, Ferre. *Á conversa com Ferre Laevers*: Disponível - Cadernos da educação e Infancia , 2008.

LAEVERS, Ferre. *Educação experiencial: tornando a educação infantil mais efetiva através do bem-estar e do envolvimento*. Contrapontos - volume 4 - n. 1 - p. 57-69 - Itajaí, 2004. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/750/602>> acesso em 03 de agosto de 2013.

LAEVERS, Ferre. Deep-level-learning and experiential Approach in Early Childhood and Primary Education. Leuven, 2005. Research centre for Experiential Education Leuven University.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MORENO, Helena. Estudo de caso. *Análise do empenhamento do educador: uma experiência de formação e supervisão no contexto de jardim de infância*, 2008.

OLIVEIRA-FORMOSINHO (Org.)(2002). A supervisão na formação de professores I – Da sala à escola. Porto: Porto Editora.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia; ARAUJO, Sara B. *O envolvimento da criança na aprendizagem: construindo o direito de participação*. Analise Psicológica, 2004. Disponível em <www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v22n1/v22n1a09.pdf> acesso em 6 de setembro de 2013.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 3.ed. rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PIVA, Vivian Martins. *Um estudo utilizando a escala LIS- YC (Escala Leuven de envolvimento para crianças pequenas)* Dissertação de mestrado da universidade do vale do Itajaí. 2009. Disponível em: <siaibib01.univali.br/pdf/vivian%20Martins%20Piva.pdf> Acesso em agosto de 2013.

REIS, Lara. *Envolvimento e bem-estar das crianças: dimensões de qualidade na educação infantil*. Brasília, 2011. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília.

RODRIGUES, Rui Martinho. *Pesquisa acadêmica*. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Lúcia; JAU; Júlia. A conversa com Ferre Laevers. Entrevista, 2008. Disponível em: <http://cadernosei.no.sapo.pt/edições/2008/entrevista_84.pdf>. Acesso em setembro de 2013.

SERRA, Luisa. *O envolvimento e o bem-estar das crianças como dimensões de qualidade na educação infantil*. Brasília, 2013. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília.

SILVA, Aline Fernanda. *A arte-educação no cotidiano escolar*. Curitiba;PUC,2008. Disponível em <http://www.pucpr.br>. Acesso em novembro de 2013.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. *Educação infantil. Os desafios da qualidade na diversidade*. Brasília, 1998. Mimeo.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. *Aprendizagem, desenvolvimento e trabalho pedagógico na educação infantil. Significados e desafios na qualidade*. In: Tacca, Maria Carmen V.R. (org). *Aprendizagem trabalho pedagógico*. Campinas: Alínea,2006.

ZABALZA, M. *O desafio da qualidade*. In: *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artemed, 1998 a. p 31-47.

ZABALZA, M. *Os dez aspectos chave de uma educação infantil de qualidade*. In: *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artemed, 1998 b. p. 49-61.

ZABALZA, M. *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998